



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOSEFA ROMANIA SANTANA DE SOUSA

**A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA
INSERÇÃO NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

Salvador
2016

JOSEFA ROMANIA SANTANA DE SOUSA

**A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA
INSERÇÃO NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a Ms. Fernanda Almeida Pereira

Salvador
2016

JOSEFA ROMANIA SANTANA DE SOUSA

**A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA
INSERÇÃO NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção Especialista em Docência na Educação Infantil, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

Aprovada em 18 de junho de 2016.

Banca Examinadora

Fernanda Almeida Pereira – Orientadora _____

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia

Camile Viana da Cunha Silva Vieira _____

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Educação da UFBA.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais; à minha professora orientadora Fernanda Almeida Pereira; minhas professoras de ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica): Neuza e Regina; minhas secretárias municipais de educação de Fátima-Bahia: Andreia Araújo e Débora Gouveia, por ajudar a sensibilizar juntamente aos gestores Florisval e José Edelfonso, levando ambos a entender a necessidade de investir no financiamento com o custeio do transporte, pois o município cumpre, dessa forma, seu compromisso em formar seus profissionais de educação. E com esse feito revelam acreditar na grande importância desse curso para a qualidade da Educação Infantil deste município.

Às crianças, pais e colegas de trabalho que contribuíram na coleta de dados. Aos dois anos como coordenadora pedagógica nas instituições de Educação Infantil do município de Fátima-Bahia que me proporcionaram uma experiência fundamental na carreira profissional, às minhas colegas do curso: Niclécia, Taty, Vânia, Suzi, Maristela, Estela, Zana e em especial à Flávia pela paciência, dedicação e carinho, pois todas elas abriram as portas de suas casas e me hospedaram, sempre que necessário. Serei eternamente grata à todos que contribuíram para minha autonomia intelectual.

AGRADECIMENTOS

A universidade transformou minha vida, pois a partir dela consegui conquistar uma maturidade pessoal e profissional, além, de despertar para pesquisa na educação enquanto formadora em exercício para ressignificar minhas práticas pedagógicas e criar uma identidade profissional.

Vejo agora, a pós-graduação como mais um passo de uma longa caminhada. A partir de agora cabe a mim a responsabilidade de garimpar meus sonhos e minha excelência profissional. Apesar do longo trajeto trilhado, a maravilhosa sensação de mais uma etapa concluída, porém, não esqueço que o caminho já trilhado também foi longo: quantas vezes pensei em desistir diante das dificuldades financeiras, dos 341,8 Km de distância e 4h 53 min de viagem de Fátima-Bahia a Capital Salvador, de todos os finais de semanas sacrificados para estar nas aulas, sem falar das noites perdidas estudando para dar conta de trabalho e estudo?

Sendo assim, agradeço a Deus pela graça de minha vida e por me fazer essa mulher forte e perseverante que não se aflige diante dos obstáculos que a vida nos oferece.

Agradeço ao meu querido pai Raimundo Fagundes, por todo amor, carinho e dedicação. A minha mãe, Maria Aparecida, pelo seu amor incondicional, incentivo e perseverança, sendo meu alicerce e porto seguro para enfrentar todos os obstáculos. Pai, mãe, sem vocês não teria conseguido... Amo muito vocês!

Agradeço aos meus preciosos irmãos e sobrinhos Rosangela, Roberval, Rosana, Rosivânia, Ricardo, Pedro, Ruan, Jonas, Bianca, Maria Luiza e a mais nova sobrinha que está chegando, por todo respeito e carinho.

Obrigada professores e amigos. Enfim, agradeço por tudo de bom que construí e que ainda pretendo alcançar. O meu sincero obrigada!

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

(Carlos Drummond de Andrade)

SOUSA, Josefa Romania Santana de. **A brincadeira nas classes de Educação Infantil e sua inserção nos planejamentos pedagógicos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Infantil (CEDEI). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a brincadeira nas classes de Educação Infantil e sua inserção nos planejamentos pedagógicos, uma vez que sua problemática esteja centrada em como a brincadeira tem sido (ou não) inserida no planejamento pedagógico de professoras de professoras da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia? Ao iniciar essa pesquisa foram levantados alguns objetivos e o principal foi: analisar de que forma a brincadeira tem sido (ou não) inserida/contemplada no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil da EMEIEM no município de Fátima/Bahia. E para organizar esse trabalho, a fim de alcançar os objetivos propostos, foi construído inicialmente um memorial da formação em exercício e um quadro teórico sobre a brincadeira nas classes de educação infantil com seus sub tópicos: o papel do professor no brincar infantil e o fazer pedagógico e suas ações, conteúdos que serviram para estruturar o trabalho. Participaram do estudo 18 crianças na faixa etária de 5 a 6 anos e 3 professoras, pertencente à rede pública de ensino, no município de Fátima, Bahia. Foram utilizados instrumentos como observação, diário de campo, fotografias e a questão mais relevante da pesquisa é que a pesquisadora é coordenadora pedagógica (educador-intelectual-pesquisador) da própria instituição de ensino e a metodologia utilizada foi com base em MACEDO (2010) a etnopesquisa-formação. A pesquisa revelou o quanto é forte a preocupação em antecipar os conteúdos do ensino fundamental e o quanto é preocupante esse brincar só quando sobrar tempo.

Palavras-chave: Brincadeiras; Práticas pedagógicas; Formação; Educação Infantil;

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CFB – Constituição Federativa do Brasil

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Infantil

EMEIEM- Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MEMORIAL FORMATIVO	13
3 A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL	41
3.1 O PAPEL DO PROFESSOR NO BRINCAR INFANTIL	41
3.2 O FAZER PEDAGÓGICO E SUAS AÇÕES	48
4. ABORDAGEM METODOLÓGICA	56
4.1 A PESQUISA NA EDUCAÇÃO	56
4.2 O CENÁRIO E OS SUJEITOS DA PESQUISA	57
4.3 O CAMINHO PERCORRIDO E A OBTENÇÃO DOS RESULTADOS E DAS CATEGORIAS	61
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS	63
5.1 O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO: A BRINCADEIRA COMO DISPOSITIVO DE APRENDIZAGEM	63
5.2 A PREOCUPAÇÃO EM PRÉ ESCOLARIZAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: E O LUGAR DO BRINCAR NESSE CONTEXTO	69
6 CONCLUSÃO	74
7 REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	83

1. INTRODUÇÃO

A partir das observações e conversas com as crianças e professores, me veio a seguinte indagação: Estamos mesmo colocando a criança no centro do planejamento das atividades pedagógicas? Suas falas e intervenções são ouvidas? Ou colocamos as condições, espaço e materiais como principais impasses do nosso planejamento pedagógico?

Como consequência, essas observações e leituras me fizeram refletir e chegar ao seguinte questionamento: Em caso afirmativo, que estratégias podem ser construídas, junto com as professoras, tendo como objetivo incluir o brincar no planejamento do tempo pedagógico nas turmas de Educação Infantil?

Diante disto, as visitas corriqueiras das salas de aula, e com o olhar mais atento e focado, comecei a acolher alguns momentos da rotina das crianças, importantes como a roda de conversa, por exemplo, e em um desses momentos ricos foi possível escutar falas de crianças e entender como elas se colocam e interferem no momento das atividades propostas. Pois na educação infantil toda aula termina e começa na roda de conversa, metodologia marcante do trabalho nas classes infantis.

Como também em conversas informais com as crianças muitas delas se dirigiam e relatavam alguns comentários sobre o acontecimento a cada momento da aula. Em outras palavras, é nesses momentos que o pesquisador consegue captar com mais facilidade e compreender muitos elementos importante para a pesquisa.

É esse ganho de relação com os sujeitos da pesquisa, é devido à relação íntima por fazer parte do contexto, pois, como é meu ambiente de trabalho não sou um elemento estranho, no qual está bem detalhado no capítulo que se refere ao memorial formativo.

Dessa forma, as crianças interferem e se envolvem na pesquisa se tornando sujeitos do estudo e a esses encontros pesquisador-criança, que segundo Leite (2008), são denominados de espaços de narrativas.

Com efeito, houve êxitos que serão relatados aqui no capítulo do memorial formativo e no capítulo da abordagem metodológica serão apresentados com mais de detalhes.

Assim, em outras palavras, busquei promover situações que contribuíssem para desenvolvimento através de estudos que trazem a questão do brincar e, do

estímulo o tempo inteiro das professoras pesquisadas para despertarem esse seu ser brincante e brincalhão dentro delas.

A importância do brincar na educação infantil é incontestável, pois, atividade e brincadeira devem ser a mesma coisa, nessa etapa de educação, e ao entender que a infância necessita do brincar, para poder desenvolver a imaginação, além de trazer a alegria, como também a aprendizagem.

Essa pesquisa almejou trazer algumas contribuições que poderão ressignificar a prática docente das professoras da Escola Municipal de educação Infantil Emília Maria, no município de Fátima-BA.

Com o objetivo de analisar de que forma a brincadeira tem sido inserida no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil (E.I.) da Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria (EMEIEM), no município de Fátima/Bahia.

Esta pesquisa ambicionou responder à seguinte pergunta: Como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da E. I. na EMEIEM em Fátima/Bahia?

Nessa perspectiva, este trabalho teve por objetivo principal: Analisar de que forma a brincadeira tem sido (ou não) inserida/contemplada no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil da EMEIEM no município de Fátima/Bahia.

Trazendo reflexões sobre o fazer pedagógico existente e seus processos de construir e desconstruir ao longo da formação contínua desses educadores e, mais precisamente, da coordenadora pedagógica.

Pois esta pesquisa tem como caráter metodológico a formação em serviço entendendo que o professor (educador-intelectual-pesquisador), pode desempenhar uma investigação em suas próprias práticas com o objetivo de detectar problemas, buscar soluções possíveis, ou não, para o aperfeiçoamento de suas próprias ações pedagogicamente aqui expostas.

Dessa forma, revelam-se as especificidades dos objetivos sendo eles: Identificar as concepções pedagógicas das professoras de Educação Infantil em torno do brincar e refletir sobre o papel do professor no brincar infantil.

Seguindo esse rigor para estrutura deste trabalho monográfico é necessário apresentar primeiramente um memorial formativo que trilha toda minha carreira na Educação Infantil, assim como também o desenvolvimento desse curso fazendo uma triagem entre a formação no CEDEI/UFBA (Curso de Especialização em Docência na

Educação Infantil/Universidade Federal da Bahia), e aprendizagem adquirida, transformada e acolhida, no intuito de promover nas formações para a equipe docente do EMEIEM/Fátima-Bahia (Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria/Fátima-Bahia).

Assim como também coordenar o grupo ressignificando nossas práticas e socializando para colher suas sabedorias da prática já existente, contribuindo, nessa perspectiva, com a formação em serviço no objetivo de construir minha identidade profissional.

Partindo desse contexto, o capítulo teórico é a base para a construção de um diálogo específico com olhar afinado para o objeto de pesquisa aqui delimitado. Com efeito, o capítulo é intitulado como: A brincadeira nas classes de Educação Infantil e subdividido em subtítulos: o papel do professor no brincar infantil e o fazer pedagógico e suas ações.

Diante disto, ambos os textos estão de acordo com a abordagem metodológica para tecer a apresentação e discussão de dados. Como o estudo sugere, as categorias levantadas na abordagem metodológica dialogaram com os capítulos teóricos e, simultaneamente, apresentaram alguns relatos do memorial formativo.

Portanto, a proposta era atentar para as discussões sobre o brincar, buscando escavá-lo em seu conceito em prol da real perspectiva do brincar, revelando, assim, a importância e significância do lugar da brincadeira nas classes de Educação Infantil enquanto um recurso norteador para a construção dos planejamentos pedagógicos.

2. MEMORIAL FORMATIVO

Ainda menina com apenas 14 anos, comecei a desenvolver atividades com crianças menores de 5 anos como catequista na igreja da minha cidade. Nessa perspectiva, éramos orientadas por uma madre. Era sempre uma alegria participar das formações com o objetivo de planejar as atividades, me sentia importante, uma verdadeira professora e, nas aulas, sempre proporcionava às crianças a brincadeira; era muito prazeroso o trabalho, e as crianças adoravam. Esperavam os domingos para irem à catequese e confesso que eu também esperava.

Quando estava cursando o 2º ano do Ensino Médio, fui convidada para trabalhar em uma escola particular que atendia apenas à Educação Infantil, a minha função era de auxiliar de classe. Comecei a aprender com as colegas professoras e, com muita pesquisa lendo e estudando, cuidando, brincando e educando minhas crianças e trazendo sempre as brincadeiras e a contação de história como marca do meu trabalho.

Logo fui convidada para lecionar em uma turma de crianças de 5 anos, eram apenas oito alunos. Chamávamos na época Pré. II e foi, através de muito aperfeiçoamento e fazendo cursos juntamente com os professores da prefeitura, que comecei a desejar trabalhar na Educação Infantil.

Diante disto, no ano seguinte a Secretária de Educação que havia observado meu trabalho, e também eu já havia concluído o ensino médio ao mesmo tempo que atingia maioridade, me oportunizou a regência de uma turma de 30 crianças entre 4 e 5 anos.

Entretanto, tinha um desejo de cursar uma Faculdade Pública. Já tinha prestado vestibular várias vezes nas Universidades Federais da Bahia e Sergipe, mas não consegui passar, porém, surgiu a oportunidade de ir morar em Feira de Santana para fazer cursinho pré-vestibular e trabalhar como auxiliar em uma escola de Educação Infantil.

Trabalhando e estudando no pré-vestibular, comecei a participar em vários cursos na área de Educação, como o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores).

Consegui finalmente, a aprovação na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia) em Pedagogia, em 2007. Iniciava uma nova etapa profissional na minha vida, ao mesmo tempo em que trabalhava em algumas escolas particulares de Feira de Santana-Bahia nas classes de Educação Infantil.

Em sua maioria em turmas de 3 anos, porém, à que mais me encantou foi o grupo 2, onde recebia alunos de 1 ano e meio até 2 anos, foi um trabalho muito rico de aprendizagem com a Creche.

Em meados de 2011, concluí meu curso de Pedagogia e retornei para minha cidade, onde logo comecei a trabalhar como professora municipal na Educação Infantil. Trabalhei durante dois anos consecutivos em escolas da cidade e do campo.

E nos dois últimos anos (2014-2015) como coordenadora pedagógica nas duas instituições de Educação Infantil da sede do município de Fátima-Bahia e no ano de 2014, também com a formação continuada de professores da Educação Infantil da rede de ensino municipal.

Atuei como Diretora do Centro Municipal de Educação Infantil Maria Jandira de Souza Fonseca, a primeira a receber turmas de berçário no município.

Particpei do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI) pela UFBA, e durante toda as aprendizagens e vivências do curso, estabeleci um elo entre o curso, a coordenação e direção das minhas professoras, com o objetivo de melhorar nossas práticas pedagógicas, para promover uma educação Infantil de qualidade no Município de Fátima-Bahia.

Constatei alguns problemas e entre eles elegi para minha pesquisa no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, 3ª Edição (UFBA) o seguinte problema: Como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da E. I. na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia? Nessa perspectiva comecei a relacionar formação, prática e pesquisa:

O curso iniciou com o seminário e nesse evento, palestrou professores e convidados do curso de Especialização, tivemos também a Palestra do Prof. Dr Claudemir Belintane-UEP, com o tema O relato do fazer pedagógico: a importância de registro para a prática educativa. Dessa forma, o professor relatou, que o ato de escrever e depois engavetar não traz sentido algum o relatório tem que ser vivo, para

ajudar o professor e o próximo professor nos avanços significativos na aprendizagem de cada aluno. Para que essa atividade relatório não se resuma ao um único sentido burocrático.

É interessante notar, que este foi o IV seminário de Pesquisa em Educação Infantil “Como se fosse uma brincadeira de roda” turma 2014/2016. A noite de sexta foi marcada pelo seguinte assunto “o relatório vivo” em nossa prática pedagógica, entretanto, a fala que ficou marcada e registrada foi: “O elemento chave do bom Educador é resgatar a infância, pois não é na Universidade que aprendemos e sim com o nosso passado”.

No dia seguinte, retomamos as atividades do seminário com uma emocionante e aconchegante apresentação: “Teto cheio de furos e dois poemas” - Trup Errante.

Na sequência a palestra da educadora terapeuta Josiêde Amorim “As mãos dos que tecem a Educação Infantil”, também foi uma palestra sublime realmente tocante onde a educadora deixou perguntas para refletirmos sobre nossa profissão e identidade Profissional: O que me levou para estar dentro de uma sala de aula? E o que me levou a ficar? O que me fez sair da minha casa e minha cidade?

Essas interrogações, levaram-me a refletir e perceber como almejo um dia estar dentro da universidade. Enquanto coordenadora, o que levo para melhorar a prática pedagógica das minhas professoras de Educação Infantil do município em que atuo? E também almejo que o resultado do curso venha possibilitar uma melhoria na educação das crianças pequenas da minha cidade.

No seminário ainda no sábado aconteceu no período da tarde as oficinas “Dó, ré, mi, fá” de Jean Prado, aprendi diversas melodias que registrei e levei para as minhas professoras nos encontros mensais em que fazemos a formação continuada nas A.C. (Atividades Complementares).

No domingo, último dia do seminário, tivemos uma encantadora acolhida com o grupo Sorapopeia: um sarau de poesias, Trup Errante e na sequência a Palestra de Lícia Beltrão e Menandro Ramos. Ler “a mais civilizada das paixões” do leitor e do navegador encerrando assim o seminário e no encontro seguinte tivemos uma filosófica e emocionante festa das palavras onde brincamos com as palavras e construímos as mais variadas tipologias textuais.

Nessa perspectiva, as cursistas foram convidadas para festejar a palavra. Assim, nos empenhamos e organizamos para a realização de uma linda festa semântica da palavra. Como de costume, utilizou a tipologia do cordel para realizar o anúncio, mostrando assim nossas raízes nordestinas e o poder da rima com o jogo das palavras.

E em seguida, vieram os serviços para todos convidados para terem o melhor dos confortos para festejar a palavra. Não teve ninguém sem ser convidado, assim a festa foi organizada, teve tudo do bom e da melhor qualidade, das comidas e bebidas às mais deliciosas palavras, com bolos emocionantes e bebidas eletrizantes.

Ah e a música tocou o coração de todos os convidados até mesmo dos organizadores da festa da palavra fazendo-nos viajar lembrando antigas e novas emoções, trazendo a saudade em nossos corações, onde tudo foi registrado e divulgado, os *flashs* registraram as mais belas palavras expressadas. E no encerramento houve as mais belas homenagens para comemorar a linda poesia que foi a festa das palavras.

No ano de 2014 as atividades se encerraram com a palestra ministrada por Lícia Beltrão no qual o tema era “Memorial” que teve o enredo encantador da história de “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” escrito por Mem Fox e ilustrado por Julie Vivas.

Na cronologia, a Oficina: Brinquedos e Brincadeiras no Cotidiano da Educação Infantil com a professora Leila Soares, iniciou no dia 24/01/2015 com atividade de equipe, bastante importante que é a organização da rotina da educação infantil como: Chamada, calendário, contação de história, desenho livre, etc. Apliquei a mesma atividade com minhas professoras na jornada pedagógica, onde as mesmas estavam trabalhando em suas práticas pedagógicas as dicas da professora Leila.

Na sequência, um grupo decorou uma caixa, com o objetivo que as cursistas, trouxessem um objeto que lembre as brincadeiras de infância, e explicou também que ao final da disciplina sortearia a caixa.

No encontro do dia 31/01/2015 iniciamos as atividades, com o direcionamento de brincadeiras no pátio da UFBA pelas cursistas Jaguaracira com a brincadeira condutor e conduzido, em seguida foi a apresentação do grupo Lúdica na figura dos

professores Carmelito Lopes e Letícia Lopes, apresentando “O método Willems” que trataram da importância da educação musical desde bebê.

Diante disto, vivenciamos uma aula dinâmica com muita músicas e histórias cantadas como a história de Serafim que não era um gato e sim um guaxinim, mas para que Serafim fizesse essa descoberta ele vivenciou grandes aventuras, cantando e brincando muito com as cursistas.

Dessa forma, relatei como grande ponto positivo a forma como os professores Carmelito e Letícia desenvolveram as atividades e, logo após, explicaram o planejamento e os objetivos, etapa por etapa, além de deixar um recado bastante positivo “O educador tem que ser afetivo”.

Foi uma manhã de descobertas e muita aprendizagem. Já no período da tarde, fizemos um trabalho em equipe, no qual cada grupo ficou com um capítulo do livro “O brincar e suas teorias” de Kishimoto. O capítulo que a minha equipe ficou foi “De como o papai do céu, O coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu! Ana Beatriz Cerisara” e a atividade dirigida no caso foi ler e fazer perguntas e respostas do capítulo.

Essa dinâmica que as equipes desenvolveram foi bastante interessante e enriquecedora, pois ao terminar de ler discutimos o capítulo na equipe, relatamos as anotações feitas individualmente com objetivo de registrar as perguntas e respostas. Assim, elegemos a escritora da equipe e as perguntas que desejamos registrar para compartilhar com o grupão no encontro seguinte.

No encontro do dia 07/02/2015 iniciamos com o relato das colegas que ficaram encarregadas de registrar as atividades do dia 31/01/2015. Na sequência mostraram também os registros de áudios e visuais, assim, a professora Leila pode fazer alguns questionamentos sobre o que ficou aprendido no encontro anterior.

Nessa perspectiva, a professora Leila trouxe elementos politicamente importantes para a nossa disciplina “Brinquedos e brincadeiras no cotidiano da educação Infantil”. E, em uma de suas falas deixou aqui registrado – O brincar é importante e obrigatório na Educação Infantil, isto está claro nas diretrizes nacionais, no Brincar e as interações. Com isso, também ela vai trazendo dicas e elementos importantes para refletir e modificar nossas práticas docentes.

Outro relato interessante deixado pela professora Leila – Quando o adulto fala para uma criança é muito diferente, de quando uma criança fala para outra criança. Pois quando perguntamos à criança se ela entendeu algum direcionamento feito por nós professores, todos falam que sim, mas na verdade não sabemos. Dessa forma, é ideal pedir para que uma outra criança relate o que você acabou de explicar, assim as outras compreendem melhor e você percebe, de fato, se elas entenderam e que outros elementos elas trazem em suas falas.

No desenrolar da aula, tivemos a dinâmica de brincadeira. Nessa dinâmica a turma foi dividida em grupos menores em que cada um deles recebeu uma palavra, para que dessa palavra desenvolvesse a brincadeira que percebemos em nosso cotidiano escolar com as crianças.

Meu grupo ficou com a palavra feira. Com o tempo determinado para discutir em grupo como demonstrar tal brincadeira, cada grupo apresentou a sua brincadeira. Mas, a que me chamou bastante atenção e, até mesmo vontade de brincar, foi “polícia e ladrão” do qual confesso, que já brinquei muito em minha infância.

Diante disto, no período da tarde tivemos uma aula expositiva com diálogos sobre psicanálise na infância, ao qual destaquei alguns pontos: A produção imaginária da criança; O conceito do que desaparece não volta (O jogo do “Fort-da”); Os objetos transicionais que são aqueles objetos que se prolongam de casa para a escola; a repetição como fundamental para crianças, pois é nessa repetição que eles elaboram; oportunidades criadoras; quando a criança brinca ela traz sua cultura, pois tudo que ela brinca está atrelado à cultura (Ex: O brincar e como perceber a sua tecnologia empregada, é visualizada quando a criança brinca de ser computador, ela deixa de ser e passa a valorizar o objeto).

Na sequência, abrimos a roda para ler uma única pergunta elaborada por cada grupo da atividade do encontro anterior, assim a professora pontuou cada pergunta e suas respectivas respostas. E direcionou a atividade do próximo encontro, que foi organizar uma brincadeira e um brinquedo e trazer também, oralmente, o histórico da brincadeira e o brinquedo escolhido pelo grupo.

A partir desses encaminhamentos, no encontro do dia 28/02/2015, a professora Leila iniciou sua aula com o livro “O jogo da parlenda” de Heloisa Prieto com uma leitura de divertidas parlendas.

Na sequência, explanou sobre “Brinquedos e brincadeiras”, trazendo alguns pontos importantes como: o breve histórico do brinquedo e da brincadeira; brinquedos para bebês (até 1 ano); brinquedos para criança (de 1 a 2 anos); brinquedos de criança (3 a 6 anos); dicas para escolher brinquedo; documentos locais: CFB de 1988, ECA (1990), LDB 9394/96, DCNEI; abordagem introdutória: Educação Infantil e criança; As práticas pedagógicas devem garantir experiências diversas que contemplem: Conhecimento de si e do mundo, Linguagens e formas de expressão, Narrativas e gêneros textuais, orais e escritos, Brincadeiras individuais e coletivas, A brincadeira e o conhecimento matemático, Brincadeiras e vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, para favorecer a identidade e diversidade, Brincadeiras, biodiversidade, sustentabilidade e recursos naturais, Brincadeiras livres: cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar, Brincadeiras: mundo físico e social, o tempo e a natureza, Brincadeiras com música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura, Brincadeiras e manifestações de tradições culturais brasileiras, Brincadeiras e tecnologias.

Após a explanação dessa aula os grupos começaram a apresentar os brinquedos e as brincadeiras. Dessa forma, podemos aprender e compartilhar ideia e experiência enriquecedora para nossa prática docente como: a cobra de rolo de papel higiênico (Brinquedo), cadê meu ursinho (Brincadeira), petecas de vários tipos (Brinquedo), relembrar outras como chicotinho queimado (brincadeira) etc.

Em suma, a disciplina brinquedos e brincadeiras deixou saudades, mesmo que esses tipos de atividades, foram vivenciadas em outras disciplinas, em outros momentos, no decorrer do curso, por que, brincar e suas interações é um dos eixos norteadores da proposta curricular da Educação Infantil.

A aula palestra de Infância e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil: diretrizes nacionais e contextos municipais com a professora Marlene Oliveira, iniciou no dia 07/03/2015 com uma belíssima poesia de Manuel de Barros, a qual ensaiamos para recitar todas juntas como um jogral, cada fila com um verso no auditório da universidade, foi uma acolhida de encanto e muita melodia nas rimas de Manuel de Barros.

Em seguida a professora Marlene Oliveira deixou uma fala bastante pertinente: “-Nós temos sim crianças de 6 anos em Educação Infantil, por que, aquelas crianças que completa 6 anos, a partir do dia 1º do dia abril estão com 6 anos na Educação Infantil. Por isso existe ainda estudos que demarcam a Educação Infantil entre 0 a 6 anos”.

Ela também destacou que “O professor de Educação Infantil, precisa conhecer as diferentes concepções de infância e da criança. Pois, ao depender da prática da escola compreende-se nesse espaço, qual é a concepção de Infância”.

Durante a disciplina “Infância e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil: diretrizes nacionais e contextos municipais” ministrada pela professora Marlene Oliveira e os estudos de aprofundamento com as professoras Neuza Silva e Regina discutimos, lemos e escrevemos principalmente sobre o significado de criança e infância.

Para isto, foi necessário buscar na história e, mais precisamente, na literatura de Ariès em sua obra “História Social da Criança e da Família” no capítulo intitulado “A descoberta da infância” Ariès traz contribuições fundamentais.

Tendo assim, como ponto de partida os estudos de Ariès, que ressalta que nas sociedades europeias, durante o período medieval não havia um sentimento de consciência da infância. A criança por volta do século XII era caracterizada como mini - adultos e não existiam distinções para representar a infância.

Com o passar dos anos, a criança passa a ser olhada e constituída como centro das atenções nas relações familiares, característico de um sentimento de “paparicação”, com o objetivo de distrair o adulto. Colocando-a no lugar de manipulada, submissa, controlada. Essa concepção permeou e ainda permeia a nossa sociedade.

Diante disto, a infância não possuía uma distinção específica da vida adulta, como ressalta Wajskop (1999) quando diz que, durante muito tempo, a infância não possuía um papel social e que as crianças necessitam de cuidados e de uma educação específica.

Etimologicamente, infância significa ausência de fala. Essa ausência foi entendida historicamente como incapacidade de falar, tanto que o termo latino *infans* foi usado para se referir aos que, mesmo falando, pela sua minoridade, não estavam ainda habilitados para testemunhar nos tribunais: *infans* é assim o que não se pode valer de sua palavra para dar testemunho.

A criança é, pois, essencialmente o pequeno que não possui voz, em uma sociedade que não lhe atribui significado relevante. O olhar que cada grupo constrói em cada contexto histórico marca a sua visão da criança.

Só a partir do século XVII a criança passou a ser vista na sociedade como cidadão carente de um olhar específico para sua educação.

No século XVIII inaugurou a construção da infância moderna, assumindo o signo de liberdade, autonomia e independência.

A preocupação com a criança encontra-se presente desde no século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo, expressa em textos de juristas, médicos, políticos, cronistas, jornalistas e, especialmente, retratada nas artes e na literatura.

Século XX é o século da descoberta, valorização, defesa e proteção da criança. Formulam-se os seus direitos básicos, reconhecendo-se, com eles, que a criança é um ser humano especial, com características específicas, e que tem direitos próprios.

Nesse sentido, após a revolução industrial e os avanços sociais cada vez mais crescentes, alterou bruscamente a maneira de viver das famílias. Mexendo com as condições de vida das pessoas que trabalhavam em atividades manuais, que eram feitas braçalmente, sendo utilizado no máximo algumas máquinas simples para auxiliá-los.

Com isso, muitas famílias se deslocaram do espaço rural para as cidades em busca de condições de sobrevivência, o que provocou enormes concentrações urbanas, sendo sujeitadas a viver em condições precárias, vivendo em moradias desumanas, colocando em risco a própria a saúde.

A família que antes dispunha de tempo para gastar entre si, agora passa a assumir jornadas longas de trabalho, deixando de lado os momentos de socialização

familiar. Sendo importante ressaltar que devido à mão de obra não ser remunerada como deveria, de acordo às exaustivas horas de trabalhos, as mulheres e crianças passaram a trabalhar para ajudar no sustento da casa se submetendo a receber salários ainda mais baixos.

O movimento feminista e o movimento da juventude foram também fatores que influenciaram a mulher a começar a conquistar o seu espaço no mercado de trabalho.

Com efeito, a sociedade civil passa a se organizar em prol do direito de toda a criança brasileira de zero a seis anos à educação infantil de qualidade, pública e gratuita e articula fóruns, como espaço de discussão e formação para integrar nacionalmente, as lutas pelo direito, seja das crianças de frequentar instituições que possam atender, acolher, cuidar e educar com qualidade as crianças dessa faixa etária.

Segundo, Barreto (2008):

Sua história inicia-se em 1999, por iniciativa dos fóruns estaduais de educação infantil, constituídos a partir de 1994, que se unem para fortalecer e expandir sua mobilização para outros estados, em momento difícil vivido pela área, marcado pela implementação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), a partir de 1998, que acarretou queda na oferta de vagas nas instituições públicas, e pelo recuo do MEC à participação de representações da sociedade civil na definição de políticas e ações na área. Em 2002, lançou o livro *Educação Infantil: construindo o presente* (MIEIB, 2002), que reúne artigos dos 16 fóruns estaduais então existentes, sobre os temas mais importantes para as políticas públicas de educação infantil e que eram focos de suas ações. (BARRETO, 2008, p.2)

Nessa perspectiva, os fóruns são processos contínuos para discutir e promover direitos garantidos, as crianças de zero a seis anos, as famílias e profissionais de educação infantil, sabendo que a educação infantil é a:

[...] primeira etapa da educação básica que é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaço institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam, de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornadas integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgãos competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2013, p. 3).

Ademais, com a Rede Nacional da Primeira Infância que ajudou toda as políticas públicas do país como o Brasil Carinhoso e PROINFÂNCIA, por exemplo, sendo estes advindos dos movimentos populares, no objetivo de garantir recursos e formações aos profissionais de educação infantil qualidade do ensino nessa primeira etapa da Educação Básica. Pois, não existem supletivos para educação infantil “ou se faz ou não se faz”.

Nesse sentido, fica nítido que é direito da criança, conforme a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em seu “art. 4º [...] inciso IV - o atendimento gratuito em creches e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”.

Também conforme a LDB:

Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996, p.10)

Assim, como também o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente):

art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990, p. 11)

No tocante, as leis não podem ocorrer conflitos de direitos entre a criança, profissionais de educação e as famílias, pois, assim como é direito da criança frequentar as instituições educacionais de ensino e terem profissionais qualificados para acolher, educar e cuidar, também é direito da criança, terem um tempo de convívio com a família.

Interessante notar, que a LDB estabelece no “Art. 12º. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: inciso I - elaborar e executar sua proposta pedagógica.

Igualmente, o município de Fátima-Ba no ano de 2007 elaborou e tornou pública sua proposta pedagógica de educação infantil, tendo como referência

fundamental o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil em seus 3 volumes e os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil em seus 3 volumes.

É importante, ressaltar que essa “Proposta Pedagógica da Educação Infantil” do município de Fátima nunca foi reformulada desde sua elaboração e serve como documento principal para as construções dos PPP (Projeto Político Pedagógico) das instituições educacionais da rede de ensino municipal.

Do mesmo lado, Assume o cargo de coordenadora pedagógica em 2014 na Instituição “Centro Municipal de Educação Infantil Maria Jandira de Souza Fonseca” no município de Fátima-Ba. Sendo, esta instituição um prédio do PROINFÂNCIA no qual foi aberta no mesmo ano referendado.

De qualquer forma, o município de Fátima Bahia foi contemplado com a Creche/Pré-escola tipo C, que faz parte do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (PROINFÂNCIA), por considerar que a construção de creches e pré-escolas, bem como a aquisição de equipamentos para a rede física escolar desse nível educacional, são indispensáveis à melhoria da qualidade da educação.

O programa foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007, e é parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do Ministério da Educação.

Seu principal objetivo é prestar assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios visando garantir o acesso de crianças a creches e escolas de educação infantil da rede pública.

As unidades construídas no âmbito do Proinfância são dotadas de ambientes essenciais para a aprendizagem das crianças, como: salas de aula, sala de informática, bibliotecas, sanitários, fraldários, recreio coberto, parque, refeitório, entre outros ambientes, que permitem a realização de atividades pedagógicas, recreativas, esportivas e de alimentação, além das administrativas e de serviço.

Dessa forma, no âmbito estadual, a Educação Infantil o Proinfância Bahia MEC-UFBA, segundo Marlene Oliveira dos Santos:

[...] teve como objetivo principal assessorar e acompanhar pedagogicamente os municípios baianos que aderiram ao Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância) por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE). Esse Projeto

resulta da Cooperação Técnica firmada, em 24 de setembro de 2012, entre o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo a Faculdade de Educação (FACED) como unidade executora. (SANTOS, 2014, p. 19)

Foi necessário para coordenar a formulação inicial do PPP, como coordenadora pedagógica da instituição, estudos de documentos legais que regem a educação infantil do município, assim, como os documentos nacionais publicados pelo MEC nos últimos anos.

Com efeito, passei a conhecer e estudar o Projeto Proinfância, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e nos encontros promovido pela Secretária Municipal de Educação Fátima-Ba, com os responsáveis da Secretária Estadual de Educação para a avaliação do PME – Fátima-Ba (Plano Municipal de Educação - Fátima-Ba), passei a ter acesso e a conhecer os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.

Igualmente, com minha experiência docente em educação infantil em instituições públicas e privadas. E a formação inicial na graduação de pedagogia pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e assim como a participar dos Fóruns e Assessoramento Pedagógico promovidos pelo Proinfância Bahia na capital baiana, serviram como bases para a formação continuada com os professores de Educação Infantil do município e na coordenação e responsabilidade da formulação do PPP (Projeto Político Pedagógico) juntamente com a equipe escolar. Experiência essa ímpar em minha formação profissional.

Inicialmente, como incumbida de promover as formações continuadas em Educação Infantil no município, tendo como material para desenvolver a formação o documento “Brinquedos e Brincadeiras nas Creches” publicado pelo MEC que segue os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação Infantil – DCNEI, publicado em 09/12/2009 no Diário Oficial da União.

Estabelecido no:

art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p. 97)

Nessa perspectiva, a formação continuada de educação infantil, foi de fundamental importância para minha formação profissional, fazendo estudos aprofundados e pesquisas para ressignificar a prática docente já existente dos professores de Educação Infantil do município de Fátima-Ba.

Os encontros foram organizados e promovidos pela Secretaria de Educação Municipal de Fátima-Ba, em caráter de oficinas, mensalmente nas duas instituições de Educação Infantil da sede do município. Na dinâmica de desenvolvimento das oficinas a cada encontro era aberto um momento para cada escola socializar, uma prática relevante ocorrida na sua sala de aula.

Com respeito, a educação infantil do município de Fátima-Ba ainda é precária, apesar da sede ter duas instituições de educação infantil hoje, a zona rural, por outro lado, são as escolas de ensino fundamental que recebem classes de educação infantil, sendo que na sede uma é o prédio do PROINFÂNCIA que teve sua inauguração no dia 17 de julho de 2014. A outra já é existente desde antes da emancipação política do município em 1985, mas era antes de caráter comunitário vinculada à Ação Social, porém, o município manteve parcialmente disponibilizando os funcionários, só em 2007, passou a ser da rede municipal de ensino como sua instituição mantenedora integralmente vinculada a SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Fátima).

Diante disto, é interessante notar que a “Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria” que antes era “Creche Municipal Maria de Lourdes Branco de Oliveira”, instituição que coordeno atualmente foi a instituição, que cursei a educação infantil, no qual ingressei com 2 anos de idade e saí para o ensino fundamental com 6 anos, também fui professora do pré III (crianças de 5 anos) no ano de 2014 onde minha formação inicial ainda era de nível médio, só ano seguinte foi preciso largar a docência nessa instituição para minha formação pessoal que foi adquirida em outro município baiano que possui uma instituição de ensino superior (UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana) no qual me formei em licenciatura plena em pedagogia.

Nessa perspectiva, é gratificante desenvolver hoje meu trabalho profissional juntamente com a equipe gestora e docente dessa instituição em prol da melhoria na qualidade do ensino das crianças atendidas na faixa etária de 3 a 6 anos levando em consideração ao corte etário da Lei de nº 11.274, que institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

A escola não recebe reforma há anos, suas instalações são precárias tendo apenas três salas de aula, dois banheiros para adultos e crianças, uma secretaria muito pequena que deve comportar: o setor administrativo e pedagógico; um quartinho onde comporta a cozinha e despensa, e outro quartinho para o almoxarifado; sem parque e área adequada para as interações e brincadeiras das crianças.

Dessa forma, a comunidade escolar e comunitária luta, em prol de uma reforma para a instituição, pois apesar de ter outro prédio adequado para atender as crianças, as vagas oferecidas não atendem todas crianças do município.

A reformulação da LDB em 4 de abril de 2013 que diz no “art. 6º. É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.” (BRASIL, 1996, p.12) Assim, município necessita dessa instituição para atender as crianças de 4 e 5 anos.

Como visto, tendo em mente que a infância não é uma fase biológica da vida, mas uma construção cultural e histórica, a disciplina Infância e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil: diretrizes nacionais e contextos municipais, ministrada pela professora Marlene Oliveira, foi de fundamental importância para o entendimento e conhecimentos dos documentos que regem a educação infantil em caráter nacional, estadual e municipal, assim, como entender o significado de infância e criança nos textos referendados na disciplina.

Em suma, o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, que tem por objetivo atender professores e gestores em exercício da rede pública baiana, oriundo da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, instituída pelo decreto 6.755 de 29 de janeiro de 2009.

Almeja, uma formação continuada para melhorar as práticas pedagógicas existentes, ao mesmo tempo em que nos remete a repensarmos nossas práticas e concepções de infância e criança, como retorno garante uma qualidade na Educação Infantil das escolas públicas municipais e comunitárias.

Essa análise, estudo e aplicação contribui de forma significativa na formação para a construção da minha identidade profissional e para avançar no meu objeto de pesquisa.

A disciplina metodologia da pesquisa ministrada pela professora Maria Elisa Pacheco, iniciou-se em 16 de maio de 2015. Nesse primeiro contato a professora esclareceu que direção devemos seguir para a busca do problema de pesquisa, assim, a mesma destacou a importância de inicialmente escrevermos um inventário

com base no vídeo (A trajetória da Educação Infantil no Brasil) apresentado na referida aula.

Entretanto, foi destacada a necessidade de descrever no inventário as atividades realizadas em uma das classes de educação infantil. No meu caso, que sou coordenadora, participar durante a semana como observadora em uma das classes que coordeno na instituição que trabalho (Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria – Fátima/Bahia) com riqueza de detalhes, e ao descrever também analisá-las destacando as possíveis melhorias como Zilma Ramos de Oliveira e Gisela Wajskop fizeram no vídeo demonstrando as práticas das professoras de educação infantil.

Nessa perspectiva, destacar apenas uma área de estudo que precisa estudar para melhorar, aperfeiçoar aquele tipo de atividade. E quando identificar deve proceder a revisão de literatura, pois uma vez concluído deve usar o inventário e o quadro bibliográfico para a elaboração da problemática.

No inventário relatei sobre as inquietações como professora e, posteriormente, na condição de coordenadora, ambas na educação infantil. Pois, enquanto estudante na graduação em pedagogia, ao mesmo tempo que era professora de educação infantil, comecei a repensar minha prática pedagógica, em torno das atividades e brincadeira, que diante das necessidades de diversificar as aulas para as crianças, assim, como no debruçar de leituras e ao assistir as aulas de disciplinas ligadas ao lúdico e ao brincar.

Passei a conhecer e a estudar teóricos como Brougère (1998) segundo ele, a criança desenvolve a brincadeira para o seu prazer e sua recreação sem um objetivo educativo ou de aprendizagem.

Assim, como Maluf (2007) que ressalta que o brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades básicas da criança, sendo essencial para um bom desenvolvimento motor, emocional e cognitivo.

No entanto, o brincar visto como passatempo vem sendo desconstruído ao longo da história. Embora, ainda hoje seja visto como uma atividade que para nada serve.

Diante disto, a escola passou a visualizar essa importância do lúdico a partir da influência de pesquisadores, cada um em sua determinada época e a sua maneira, os pedagogos Friederich Fröebel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1909) e Ovide

Decroly (1871-1932) romperam com a educação verbal e incorporam no ensino a importância dos jogos como material didático, proporcionando assim uma educação sensorial e a crença nos instintos infantis.

Consoante a esta visão Piaget (1977) afirma que todo conhecimento deve ser construído pela própria manipulação ativa da criança e não pela observação da atividade de outra pessoa. Consequentemente, o ensino por meio da transmissão verbal ou da demonstração não basta para a sua formação cognitiva.

Vygotsky (1991) também defende a brincadeira na escola ao considerar que a criança se comporta de forma mais avançada, ou seja, consegue resolver melhor situações problemas na brincadeira do que nas atividades da vida real.

Nesse sentido, fui modificando minha prática pedagógica e delineando meu perfil profissional na Educação Infantil com o olhar mais reflexivo e construtivo para a importância dos planejamentos pedagógicos com a valorização do tempo para o brincar em três aspectos: brincar com a mediação do professor; proporcionando espaço para colaborar no brincar de forma espontânea, no qual o professor cria condições, nesse caso o professor toma a postura de observador, podendo ou não ser convidado para a brincadeira; e o brincar com intenção pré-estabelecida pelo professor com o objetivo de trazer conteúdos de forma lúdica.

Nessa perspectiva, as professoras observadas durante a pesquisa traziam depoimentos como: falta de material e falta de espaço para garantir em seu planejamento pedagógico o brincar como um direito da criança. Assim elas relatavam que as crianças não brincavam.

Dessa forma, ao participar da seletiva do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil- 3ª Edição na UFBA, no qual fomos convidadas para escrever um memorial da minha história de envolvimento com as crianças da Educação Infantil em creches e/ou escolas, assim como as pretensões que tinha em relação à pesquisa que iria desenvolver.

Ademais, relatei que: “Entre outras palavras como desenvolvo e estudo cotidianamente, a questão do brincar é estimulada o tempo inteiro em minhas professoras para despertar esse ser brincante e brincalhão, dentro delas. Almejo desenvolver uma pesquisa referente à importância do brincar na educação Infantil, tendo como foco a inserção das brincadeiras nos planejamentos pedagógicos, além de trazer a alegria, como também a aprendizagem.”

Diante disto, a disciplina Metodologias de Pesquisa e Educação Infantil ministrada pela professora Maria Elisa Pacheco em sua fala quando se refere aos gestores e coordenadores que não estão na sala de aula, que passe a frequentar, pois, a pesquisa tem que nascer a partir do seu contexto com reais problemas existentes.

Para tanto, naquela semana após a primeira aula de metodologia passei a observar e ficar dentro da sala e nas observações e conversas com as crianças e professoras, me veio a seguinte indagação “O espaço e o planejamento pedagógico impedem que as crianças desenvolvam a brincadeira? ”

Assim, após organizar o inventário, fui a pesquisa bibliográfica científica como a “Anped” e o “SciELO” assim como também o livro indicado pela professora Maria Elisa Pacheco “A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas de Silvia Helena Vieira Cruz (org.)”, para saber que pesquisas poderiam ampliar o meu universo de entendimento no objetivo de descobrir o problema de pesquisa.

Não foi fácil escrever a problemática e confesso que nesse momento depois de muitas idas e vindas, no processo da escrita a entender diferença de estado de arte para quadro teórico, ficou claro o porquê pesquisar artigos científicos dos últimos 5 anos, pois com esse levantamento identifiquei como estava o estado de arte em torno da área de estudo pertinente ao tema.

Dessa forma, é interessante destacar que o método de levantamento bibliográfico em forma de quadro é fundamental para a construção do estado da arte. Com efeito, na problemática decorreu o surgimento do problema: Como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia?

A partir do problema surgido fomos à construção do projeto com todos os seus elementos estruturais (introdução, objetivos, referencial teórico, abordagem metodológica, cronograma e referência), para essa construção do projeto tivemos aulas de ACP (Análise Crítica da Prática Pedagógica) mesclando com a disciplina de metodologia da pesquisa e como esperado, muitas dúvidas surgiram, desconstruções e construções foram necessárias para esse processo, assim como o fazer e refazer.

Sobre esse aspecto, com a conclusão da disciplina no seminário de pesquisa, apresentada para a banca e para a orientadora de pesquisa, tivemos um exercício de construção dos slides, como também levamos nesse momento, grandes contribuições

para a melhoria do projeto. Diante disto, esse exercício foi pertinente para a apresentação final do curso, no objetivo de desmistificar o medo das apresentações em público.

Trabalho concluído e apresentado. A sensação que ficou foi de leveza e felicidade por mais uma etapa concluída com sucesso.

Dando sequência às atividades do seminário fomos abrilhantadas com a oficina Alvorço de história, ministrada por Mary de Andrade no dia 25/07/2015.

De fato, fomos acolhidas com uma dinâmica para movimentar o corpo, nessa dinâmica ordenadamente movimentamos pernas e braços. Com esse movimento e muitas e muitas histórias desenvolvemos uma tarde, como o balançar da música “Tindolêê e Tindolálá”, com a histórica rica em rimas “Tangolamango”, a repetição marcante e envolvente da “História da Coca” e nessa coca re-coca que o mato me deu fomos passear e nesse passear muitos desafios foram encontrados: uma montanha para escalar, um rio para nadar, uma ponte estreita para equilibrar, lugares para se em pendurar, cavernas para se abaixar e grama verdinha para sentar.

Muitas e muitas histórias compartilhadas com o objetivo de ampliar o universo mágico das histórias infantis, conhecimentos de autores como o Professor Bahia fizeram parte de nosso alvorço de histórias.

Nessa perspectiva, a criação de história foi vivenciada nessa roda, pois qualquer objeto aciona nossa memória e provoca uma construção de enredo. Enredo esse que foi coletivo, pois através dos objetos escolhidos construímos uma história e envolvemos todos em um enredo rico de imaginação e surpreendente de histórias.

E ainda mais história e essa em especial me emociona a “História do tombador” aciona minha memória, pois tenho uma personagem a “Boneca Dentinho” que em lugares como: escolas, bibliotecas públicas e universidades ela se apresentou, para públicos variados como crianças, professores e formadores no objetivo de sensibilizar esse interlocutor para o mundo literário.

Pois, assim como o autor francês Bellenger (2007) destaca que para ser feita uma leitura é necessário está apaixonado pela mesma, cabe ao educador ter essa paixão em si, para que seu aluno desperte o mesmo desejo, e ele afirma: “[...] Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.” (BELLENGER, p.17, 2007).

Nessa perspectiva Coelho (1999) ressalta que a história deve ser contada como fonte de prazer para a criança e que esta deva oferecer contribuições para o seu desenvolvimento.

Com esse pensamento de Coelho a oficina de contação de história trouxe envolvimento que ressignificaram minha prática, assim, como a prática das minhas professoras, fazendo surgir um projeto que ganha cada dia formas, cores, aromas e sabores, pela equipe docente e pelas crianças que sempre nos surpreendem, ao chegar na secretaria e escolher um livro na estante e levar para casa, esse momento virou rotina na minha escola.

Assim, a oficina de contação de história ministrada pela professora Mary de Andrade é concluída nos lembrando a brilhante frase do professor Claudemir Belitame “As histórias nos curam e nos salvam.”

Na sequência o “IV Seminário de pesquisa em Educação Infantil: como se fosse brincadeira de roda”. No sábado 01/08/2015 com os temas “Infância, direito e educação infantil... qual o lugar da criança? Palestrado por Natália Fernandes da Universidade do Minho. Ela trouxe elementos como: As crianças vistas como vulneráveis, objetos de preocupação na psicologia do desenvolvimento e na sociologia da infância traz a questão que devemos ultrapassar essa ideia que as crianças são objetos para serem cuidadas e considerá-las como protagonistas sociais.

Para tanto, os estudos da criança em uma perspectiva interdisciplinar de estudo da infância oferece um lugar de encontro com diversas perspectivas sobre a infância e é uma consistente com tendências para organizar políticas e direitos interdependentes das crianças.

Pois, apesar das crianças não saberem ler, falar, muitas vezes, não deixam de dar contribuições imensas. Como coloca Campos (2008) “[...] a necessidade de captar a visão das crianças é urgente, pois é a partir de suas vozes que medidas de proteção e de atendimento mais prementes serão tomadas pelas equipes de intervenção externas”.

A criança como sujeito ativo de direito, os bebês como sujeitos de direitos. Eram impensáveis há 20 anos que crianças com qualquer tipo de deficiência participassem da pesquisa, pois eram consideradas incapazes e era uma raridade que pudessem contribuir para a formulação de políticas, tal como agora é.

De qualquer forma, a palestrante Natália deixou alguns questionamentos: “Serviços para as crianças? ou Arenas das crianças?” Esses questionamentos muito

retratam as práticas pedagógicas que vivenciei e vivencio no cotidiano das instituições, pois, trabalhamos com as datas comemorativas apenas como um momento de enfeitar as crianças bonitinhas de coelho da páscoa ou enfatizar lembrancinhas para os pais, no objetivo errôneo de dignificar o trabalho que é executado como necessário à educação infantil.

Não é fácil desmistificar ou até mesmo banir certas práticas enraizadas em nossa cultura de escola para crianças pequenas, mas é necessário perceber e ouvir como as crianças se sentem diante dessa prática, assim como é necessário refazer uma leitura para esse mecanismo de comércio que serve, unicamente, para vender produtos em datas festivas.

Do mesmo lado, a palestrante Ordália comungou da fala de sua colega destacando os pontos de “Infância, direito e políticas públicas”. Sua fala foi iniciada com um significativo poema de Pedro Bandeira “Mais respeito, eu sou criança”.

Após essa sensibilização poética Ordália trouxe falas pertinentes como: - Essa perspectiva de passar conhecimento deve ser superada e desconstruída, pois, nós damos condições para as crianças criarem os seus próprios conhecimentos.

Para tanto, ela se ateve a trazer as questões dos direitos existentes na política pública brasileira, nos esclarecendo que hoje não importa a condição da mãe, todas as crianças têm direito à educação pública. Ciente que a CFB/1988 já sofreu muitas mudanças como o artigo 208 – I. Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurados inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. (BRASIL, 1988, p. 121-122)

Cabe a nós educadores a tarefa de resgatar à família a responsabilidade de educar as crianças. Temos um grande avanço na formação de professores de educação infantil com nível superior, porém isso tem que ser de fato atingido nas práticas pedagógicas com as crianças.

Os cursos de pedagogia em suas matrizes curriculares, não contemplam o que os professores de educação infantil precisam saber para respeitarem esses direitos.

Assim, muitas políticas como o curso de formação de professores de Educação infantil e literaturas voltadas especificamente para educação infantil, tanto para as crianças como para as professoras vem sendo executada desde a publicação das DCNEI.

Assim, a partir das observações e conversas com as crianças e professoras, fez-se necessário uma revisão literária em torno do problema, que revela o objetivo

de Analisar de que forma a brincadeira tem sido (ou não) inserida/contemplada no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil da Escola Municipal Educação Infantil Emília Maria, no Município de Fátima/Bahia.

Para a construção do projeto, foi imprescindível estabelecer inicialmente um referencial teórico com base nos autores Vygotsky, 1991; Piaget, 1998; Oliveira, 2007; Brougère, 2000; Wajskop, 1999; Kishimoto, 2002; Antunes, 2008, pois esses autores dialogam em torno da importância do brincar e seu favorecimento nas interações sociais, viabilizando as relações nos grupos em que a criança convive. E Oliveira, 2012; Zabala, 1998, Pimenta, 1994, Freire, 2000 dialogam em torno do fazer pedagógico e a formação contínua do professor que nortearam as ações pedagógicas para a possível construção inicial do planejamento significativo.

Isto levará a uma abordagem metodológica voltada inicialmente, à observação das aulas e ao acompanhamento dos planejamentos pedagógicos, com registros no meu diário de campo que segundo Macedo (2004) é a descrição minuciosa e intimista, portanto densa de existencialidade, que algumas pesquisas despojadas das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo, além de filmagens das aulas.

A pesquisa trouxe contribuições na formação dos professores da Educação Infantil. A fala das professoras revela as contribuições que pesquisa poderá o trazer nos estudos do brincar como centro da planejamento pedagógico da educação infantil.

Na sequência do dia tivemos duas oficinas: música e teatro. Na oficina de música trabalhamos com música e expressões, brincando e se movimentando, sozinha ou com parceiros. Músicas como: O padeiro, bolinha de sabão, yapo, pipoca, chá chá chá, santa clara clareou, etc...

Nos divertimos e ampliamos nosso repertório musical para trabalhar com nossas crianças, esses momentos foram extremamente significativos no curso, pois temos a oportunidade de conhecer materiais e relembrar práticas, muitas vezes, adormecidas.

Além das músicas o professor apresentou como trabalhar o reconhecimento dos instrumentos através de desenhos animados que eles gostam muito, como: Mickey maestro, passarinho que som é esse, Alex y la música, Pepa pig, instrumentos musicais, etc.

No entanto, todo o material que foi apresentado e a metodologia aplicada pode ser feita por nós educadores sem ter uma formação específica na área. Assim, como

é nossa realidade na rede de ensino municipal de Fátima/Bahia na modalidade de educação infantil, pois não temos professores específicos por área apenas educadores formados no antigo magistério, em nível médio e Pedagogia.

Essa oficina serviu de inspiração para a formulação e fundamentação no subprojeto didático na área de música construído pela equipe de professores sobre minha coordenação que foi executado no mês de outubro, juntamente com as crianças da escola em que trabalho.

Do mesmo lado, a oficina de teatro trouxe alguns elementos importantes para reflexão de como trabalhamos o teatro na escola apenas com datas comemorativas ou para apresentações de finais de anos, sem ter um trabalho de desenvolvimento nem gosto pela arte. Assim como nas artes plásticas, em que as crianças são podadas para fazerem desenhos sem criatividade, pois, esses que vem já com moldes extraídos da internet apenas para colorir, como: coração, casa e árvores são mais simples e comuns para o entendimento do adulto.

Ideia essa completamente equivocada, pois no momento que possibilitamos a criação livre sem moldes ou molduras, descobrimos a riqueza das expressões artísticas das crianças e, até mesmo, conseguimos conhecê-las melhor.

Também trabalhamos na oficina com a técnica de improviso tendo como auxílio para a criação alguns objetos disponibilizados pela professora.

De qualquer forma, pós seminário muitas dúvidas e incertezas em relação à pesquisa científica foram expressadas, tanto nas falas de nós cursistas como na própria escrita do projeto.

Com isso, contamos com duas aulas intensivas de Etnopesquisa e metodologia ministradas pelo professor Roberto Sidnei Macedo. Nos sábados consecutivos dos dias 08/08/2015 e 15/08/2015.

Ademais, o professor esclareceu que “- O método nunca está pronto”. A partir dessa fala foi possível entender melhor o debate sobre a etnopesquisa que nasce de uma inspiração e, significa movimento como criação.

Especificamente o nosso curso é para professores, coordenadores e diretores em exercício na educação infantil, dessa forma, nossa pesquisa fundamenta-se nos conceitos e com os procedimentos comuns à etnopesquisa crítica, pois, entendemos que o professor (educador-intelectual-pesquisador) estamos vivenciando uma oportunidade ímpar, no que se refere Macedo (2010) “acordar as fontes” é alterar-se e autorizar-se com elas, nos diversos cenários onde se institui a educação e a

profissionalização desse próprio professor, inspiração fundante para etnopesquisa-formação”.

Nesse sentido, a pesquisa precisa de uma fundamentação alicerçada e instrumentalizada nos etnométodos.

Os dispositivos de produção de dados tema que está relacionado com o objeto da pesquisa. Dessa forma, ao construir o objeto de pesquisa podem ser utilizados esses tipos de produção de dados no campo podendo ser uma ou mais de uma como: Observação/Observação participante, entrevista aberta, grupo focal, história de vida, análise de documentos, imagens, técnica etnocenológica, estudo de caso, diário de pesquisa, técnica projetiva, questionário aberto e participação observadora.

Diante disto, é necessário usar um instrumento que mais se adequa a seu objeto de pesquisa e para analisar os dados após o levantamento dos mesmos, classificar as categorias usando códigos com cores e armazenados nos arquivos do computador de forma organizada, foram uma das muitas dicas trazidas pelo professor Macedo.

As discussões trazidas pelos cursistas com o foco no campo de estudo de cada uma, a dúvida e incertezas unânimes do grupo, giravam entorno de: Como pesquisa, sendo nos educadores um dos profissionais que atua nesse campo de pesquisa? Essas dúvidas foram acolhidas e assimiladas com uma fala de Macedo “Na pesquisa qualitativa, quanto mais de dentro, melhor”.

Dessa forma, podemos estabelecer que o tempo que temos e o envolvimento no nosso campo de pesquisa que também é nossa instituição de trabalho onde exercemos a profissão de educar, não irar atrapalhar e sim inspirar as interrogações da etnopesquisa, pois, o que na realidade uma etnopesquisa quer saber é: Como se estrutura a estrutura social? Como se organiza o tecido cultural por suas múltiplas e complexas interações? Como os sujeitos imersos nos seus coletivos sociais significam e ressignificam suas ações e agem? Entendendo que é na vida cotidiana que se produz o conhecimento.

A disciplina Natureza cultura-conhecimento e saberes foi marcada pela aula passeio na Reserva da Sapiroanga, foi um dia extremante produtivo e interessante, além de poder promover uma grande socialização e diversão com todos que compõe esse curso, fizemos trilhas, conhecemos várias plantas, animais (cobra foi a atração especial da reserva), tomamos banho de rio (Rio Pojuca), além de entender um pouco

mais sobre o projeto, que tem como mantedor a empresa Petrobrás. A Reserva Sapiranga fica localizada a apenas alguns quilômetros da Praia do Forte.

Com essa atividade, fizemos um elo com as possibilidades de delinear um currículo voltado a apreciação da observação do ambiente da natureza os meios educacionais, e como podemos elaborar uma aula passeio também para as nossas crianças.

No objetivo de refletir de que maneira podemos melhor aproveitar e de que forma planejar uma aula passeio com os pequenos, porque, se nós adultos sentimos uma alegria de viver uma experiência diferenciada das aulas expositivas na faculdade, imagina as crianças. Pois elas tem um olhar ainda mais sensível e uma curiosidade inata que é característico da idade.

Assim encerramos o ano de 2015, com a disciplina Natureza cultura-conhecimento e saberes, fazendo uma reflexão teórica e prática ao desenvolver atividade com minhas professoras, além de observar as práticas com um olhar voltado aos elementos estudados nesta disciplina.

Após o recesso de final de ano, iniciamos o ano de 2016 com a disciplina Processo de Inclusão na Educação Infantil com a professora Cláudia Pedral. As aulas foram expositivas, porém o tempo foi bastante curto para discutir tal assunto tivemos apenas dois encontros riquíssimos de conhecimentos, que além de trazer informações enriquecedoras foram aulas que também mexeram com o nosso emocional.

Uma das frases que ficaram marcada nessa disciplina foi "Não trabalhamos com deficiência, estimulamos potencialidades." (Cláudia Pedral/ Terapeuta ocupacional), essas palavras ficaram cravadas no meu coração. E como única experiência que tive com uma aluna de baixa visão no 1º ano, trabalho extremamente significativo na minha carreira que rendeu um artigo publicado em 2014, Alice no País das Maravilhas: Limites, Desafios e Possibilidades de Enxergar o Mundo Letrado/Comunicação Oral (Ufs/Pnaic-Se).

Concluimos a disciplina relatando a nossas experiência com crianças que apresente necessidades especiais, nesse momento e no decorrer de toda a disciplina, estava sentindo uma emoções sem igual, pois, havia sido aprovada recentemente no município de Ajustina-Bahia o cargo de Professora de Braille, fui aprovada em primeiro lugar, estava feliz pela minha aprovação, ao mesmo tempo, que me encontro ansiosa em aprender e me especializar mais na área.

Dando sequência, ao cronograma do curso na aula seguinte começamos a oficina Expressão e arte na Educação Infantil, essa oficina além de ter sido dinâmica e prazerosa trouxe um conhecimento sobre os desenhos das crianças que foram extremamente importante para entendermos o desenho infantil e sua poesia.

As aprendizagens, adquiridas na oficina foram trabalhadas com os meus professores da creche em que atuo nesse momento e com as crianças também do berçário que rendeu uma riquíssima sequência didática: Experimentando o Corpo em Diversas Texturas, nessa sequência foi possível perceber o quanto é de fundamental importância, que as crianças manipulem os diversos materiais, no objetivo, de promover a experiência do corpo nas mais diversas texturas revelando, assim, as expressões corporais, o prazer, o movimento e o despertar da curiosidade, além das mais diversas reações sensoriais.

Além de estimular as minhas professoras a desenvolverem sempre atividades lúdicas e criativas, ao mesmo tempo, que elas enxergaram o quanto de coisas podem ser feitas pedagogicamente com os bebês.

Essa oficina também me rendeu a primeira formação dos professores trazendo como tema o grafismo.

E para concluir, as disciplinas do curso iniciaram na sequência a Oficina: Linguagem, oralidade e cultura escrita, nessa oficina trabalhamos com diversos textos e como a própria oficina é intitulada tivemos um contato direto com a cultura escrita, foram diversas leituras e rodas de conversas com mapas conceituais, em torno de como aproximar na reflexão de nossas experiências práticas ambientes propícios a leitura na Educação Infantil, pois é nas falas das crianças e na escuta sensível que compreendemos e conhecemos mais o outro.

No decorrer da oficina produzimos uma edição do programa: As crianças fizeram e eu conto, foi um momento singular na oficina ao contar e ouvir as falas das crianças percebemos quantos conceitos elas trazem do mundo mesmo sem compreender ainda certas coisas.

Este exercício de relatar as memórias foi fundamental para a riqueza dos detalhes dessa pesquisa, por que, a partir das vivências estabelecidas, conquistei um trabalho científico trilhando o percurso de toda minha trajetória profissional na Educação Infantil.

3 A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

A abordagem teórica na apresentação desse capítulo está alicerçada em caracterizar as concepções pedagógicas das professoras de Educação Infantil em torno do brincar e refletir sobre o papel do professor no brincar infantil dialogando com alguns autores em torno da importância do brincar em prol de seu favorecimento nas interações sociais, viabilizando as relações nos grupos em que a criança convive. Assim, como tece uma reflexão no fazer pedagógico e nas ações pedagógicas bebendo na fonte de autores, discute práticas pedagógicas.

3.1. O PAPEL DO PROFESSOR NO BRINCAR INFANTIL

A brincadeira é uma experiência livre para a criança e deve ser vivenciada da melhor forma possível, pois é por ela e através dela que criança desperta suas habilidades mais preciosas para um bom desenvolvimento ao longo da vida. Fala-se muito da importância do brincar mas nem todos os professores parecem conhecer a brincadeira sob a perspectiva sociocultural, para, assim, compreender os benefícios e as contribuições no que se refere à socialização, imaginação, criatividade, cooperação, solidariedade e empatia, só para citar algumas, possíveis de serem estimulados na infância e na Educação Infantil.

Nessa perspectiva, ao identificar as concepções pedagógicas das professoras de educação Infantil em torno do brincar e refletir sobre o papel do professor no brincar infantil. Se faz necessário levantar neste momento um diálogo em torno da importância do brincar em prol de seu favorecimento nas interações sociais viabilizando as relações nos grupos em que a criança convive.

Wajskop (1999) defende que as experiências pré-escolares na brincadeira infantil são um trabalho que passam a ter:

[...] uma importância fundamental na perspectiva do trabalho pré-escolar, tendo em vista a criança como sujeito histórico e social. Se a brincadeira é, efetivamente, uma necessidade de organização infantil ao mesmo tempo em que é o espaço da interação as crianças, quando estas podem estar pensando/imaginando/vivendo suas relações familiares, as relações de trabalho, a língua, a fala, o corpo, a escrita, para citar brincadeira se transforma em fator educativo se, no processo pedagógico, for utilizado pela criança para sua organização e seu trabalho. (WAJSKOP, 1999, p.36)

Em consonância com Brougère (1998) ao afirma que a criança desenvolve a brincadeira para o seu prazer e sua recreação sem um objetivo educativo ou de aprendizagem. Essa atividade permite a ela entrar em contato com os outros: adultos, os pais e os colegas de sua idade, e também com o espaço, com o meio ambiente, com a cultura na qual vive.

Maluf (2007) ressalta que o brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades básicas da criança, sendo essencial para um bom desenvolvimento motor, emocional e cognitivo.

No entanto, o brincar visto como passatempo vem se desconstruindo ao longo da história, ainda hoje vem sendo visto como uma atividade que para nada serve. O brincar por brincar mesmo sem objetivo pedagógico, sendo espontâneo ou não a criança aprende, pois, “o ato de brincar será um ato profundo de cuidar da existência, de forma criativa, alegre e até mesmo hilariante, com as especificidades de cada idade e de cada circunstância de vida” (Luckesi, 2005, p.1).

Nessa perspectiva, o objeto de estudo nesse trabalho monográfico refere-se à importância do brincar na educação Infantil, pois é preciso ter em mente que atividade e brincadeira, no caso desse segmento de Educação Básica, querem dizer a mesma coisa, já que brincar é o trabalho da criança. Defendemos que, nessa etapa de educação é imprescindível entender a necessidade do brincar, para que a criança possa desenvolver a imaginação, além de trazer a alegria, como também a aprendizagem.

O brincar deve ocupar um lugar especial na prática pedagógica. Ele deve ter um espaço privilegiado na sala de aula, pois a brincadeira e o jogo precisam vir à escola. O brincar é vital para o desenvolvimento mental e corporal. Ele viabiliza a construção do conhecimento proporcionando assim uma educação integral por reconhecer várias situações de aprendizagem, além de ser geradora de prazer.

A criança ao brincar, demonstra “prazer” em aprender e tem a oportunidade de lidar com sua satisfação e desejo. Ao vencer as frustrações, aprende a agir estrategicamente diante das forças que operam no ambiente e reafirma sua capacidade de enfrentar os desafios com segurança e confiança. “A curiosidade que move a criança para participar da brincadeira é, em certo sentido, a mesma que move os cientistas em suas pesquisas” (SILVA; KODAMA, 2004, p.3, grifos do autor). Assim,

seria desejável conseguir conciliar a alegria da brincadeira com a aprendizagem escolar.

Embora a maioria das pessoas, segundo Abbott (2006), aceite que uma criança que está soltando gritos de deleite ao soprar bolhas na bandeja de água ou que se veste de mamãe ou papai no cantinho da casa está brincando, pode ter dificuldade para perceber e reconhecer que uma criança está profundamente absorvida no preenchimento de uma folha de respostas no “canto de estimulação cognitiva” montando como uma “fábrica” ou preenchendo um cheque na “agência” também está brincando.

A escola de Educação Infantil não pode negar em seu currículo a inserção das brincadeiras em seus planejamentos pedagógicos, pois a brincadeira é parte integrante para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, pois o brincar desenvolve várias potencialidades, porque, quando a criança brinca, ela poderá comparar, analisar, nomear, medir, associar, calcular, classificar, quantificar, compor, decompor, antecipar, conceituar, criar, deduzir, somar, dividir, subtrair, multiplicar, entre outros.

Como afirma Wajskop (1999, p.25), “a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência socio-cultural dos adultos”.

Diante disto, a criatividade e a imaginação são marcas da infância e o brincar é instrumento para que criança possa desenvolver capacidades importantes como: a memória; a atenção; a imitação; a imaginação.

Em cada momento da história a criança vivencia uma cultura lúdica atrelada à formação social existente do adulto, ela em nenhum, momento está desvinculada da política social e da economia existente.

É partindo dessa inquietação que o papel da escola está vinculado à necessidade de fomentar situações cotidianas em que a criança possa manipular, construir, imaginar, criar, reaproveitar, materiais, que podem ser transformados em brinquedos e jogos em momentos de experiências infantis.

Para tanto, é pertinente oferecer estímulos com um planejamento consistente e coeso para trabalhar uma prática pedagógica que antecipe uma predisposição de materiais e um contexto significativo e estimulante, para as crianças criarem seus próprios brinquedos, e com os materiais alternativos disponibilizados elas possam construir: carrinhos, caminhões, bonecas, boliches, bolas, entre outros; visto que

durante a construção desses brinquedos, elas já brincam com a imaginação, pensando no significado desse objeto.

Com isso, é necessário na Educação Infantil permita a construção. Uma vez que, as escolas hoje vêm sofrendo os reflexos da sociedade capitalista, dando tudo pronto e perfeito e não viabilizando situações para a criança explorar seu universo de fantasia e imaginação.

Diante disto, ao entender que a criança pensa o mundo de um jeito especial e muito próprio, a escola por sua vez será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social infantil, e para o curso posterior da sua vida.

E o brincar é necessário para o desenvolvimento da criança, na satisfação das suas necessidades de assimilar a cultura. E, reciprocamente, a sociedade se perpetua e se desenvolve.

O brincar, nesse sentido, favorece as interações sociais viabilizando as relações nos grupos em que a criança convive. Assim, o ambiente deve estar farto de interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promova o reconhecimento das diversidades, aceitando-as e respeitando-as, ao mesmo tempo em que contribua para a construção das relações e interações sociais.

Segundo Vygotsky (1991), a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso a informações: aprendem a regra do jogo, por exemplo, através dos outros e não com o resultado de um engajamento individual na solução de problemas. Desta maneira, aprende a regular seu comportamento pelas reações, quer elas pareçam agradáveis ou não.

Vygotsky (1991) também define que ao brincar e nas interações de grupos criança-criança, criança-adulto, criança-objeto, criança-ambiente, possibilita uma Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP na criança. E a aquisição do conhecimento se dá através das zonas de desenvolvimento: a real e a proximal. A zona de desenvolvimento real - ZDR é a do conhecimento já adquirido, é o que a pessoa traz consigo. Já a proximal, só é atingida, de início, com o auxílio de outras pessoas mais “capazes”, que já tenham adquirido esse conhecimento. A partir da mediação, o que se consistia em ZDP, torna-se ZDR e surge uma nova ZDP, continuamente.

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa. Os jogos não são apenas formas de desafogo ou entretenimento para gastar energias das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. O jogo é, no

entanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem a todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais e que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil.

Sobre esse aspecto, as experiências pré-escolares são particularmente valiosas. Pois, é na escola que se constrói parte da identidade de ser e reportar-se ao mundo, de forma a fazer uma leitura crítica da realidade social na qual está inserida. Nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a obtenção dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; e nas instituições de educativas que a sociedade deposita as expectativas, bem como, as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Não podendo esquecer que é com as relações estabelecidas com a realidade em que vivem, com o meio familiar e com as pessoas com quem necessitam se relacionar no cotidiano que as crianças passam a “ler” e compreender o mundo. Através da construção de significações, a gênese do pensamento e a construção de si mesmo como sujeito se fazem graça às interações constituídas com outros parceiros em práticas sociais concretas de um ambiente que reúne circunstâncias artefatos, práticas sociais e significados (OLIVEIRA, 2007).

A brincadeira vem sendo discutida e referendada pela perspectiva sociocultural, a qual estabelece que a brincadeira seja uma forma da criança conhecer a realidade interagindo com o meio em que vive e que, a partir daí, pode-se concretizar um vínculo com a educação.

Compreendida dessa forma, a brincadeira Infantil passa a ter uma importância fundamental na perspectiva do trabalho de Creches e Pré-escolas, tendo em vista a criança como sujeito histórico e social.

Do mesmo lado, no qual está o eixo norteador das práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular nas instituições brasileiras de Educação Infantil as interações e a brincadeira como estabelecido no art. 9º das DNCEI: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências”. (BRASIL, 2013, p. 99)

Como exposto, compreende-se que a brincadeira é, efetivamente, uma necessidade de organização infantil, ao mesmo tempo em que, é o espaço de interação das crianças.

E as atividades lúdicas são toda e qualquer brincadeira que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica. Dessa forma, as atividades de brincar de esconde-esconde, jogo da memória, quebra cabeça e o jogo simbólico de casinha possibilitou as crianças participarem e adquirem novos conhecimentos e desenvolver habilidades de forma natural e agradável, gerando um forte interesse em aprender e garantir o prazer.

Como visto, as atividades lúdicas podem ser uma brincadeira, um jogo ou qualquer outra atividade que vise proporcionar interação. Porém, o mais importante do que o tipo de atividade lúdica é a forma como ela é dirigida e vivenciada, e o porquê de sua realização. (MALUF, 2009, p. 21)

Entendo, assim, que quando as propostas pedagógicas são práticas pedagógicas bem planejadas e adaptadas para estimular as diversas linguagens, podem promover na criança o pensar/imaginar/viver e promover os avanços nos diversos aspectos físicos, sociais e emocionais, da criança como: a língua, a fala, o corpo, a escrita alicerçada pela brincadeira, acaba, no entanto, sendo um fator educativo, no processo pedagógico da formação infantil nas Creches e pré-escolas. (WAJSKOP, 1999, p. 36).

Concomitantemente a criança no seu universo lúdico, de ver estar marcado através e pela ludicidade em seu contexto geral, pois esta deve promover relações coerentes, tanto em relação à criança como em relação ao adulto que trabalha com a infância, deve estar marcada e alicerçada em concepções lúdicas no envolver de todas as capacidades da criança, demonstrando, através da ação brincante, as diversas marcas ou dando indícios da sua personalidade. Pois, nesta ação a criança descobre a si mesmo, ao mesmo tempo em que, descobre o mundo no simples ato de brincar.

Oliveira (1989) diz que em cada brinquedo sempre se esconde uma relação educativa. E quando a criança faz seu próprio brinquedo, aprende a trabalhar e a transformar elementos fornecidos pela natureza ou materiais já elaborados, constituindo um novo objeto, seu instrumento para brincar. Em algumas vezes, ela se aproveita de artigos que não tem a princípio a função de brinquedo, adaptando-os às experiências lúdicas.

Consegue exercer diversos aspectos para a realidade lúdica da criança como, por exemplo, o cabo da vassoura que ora é cavalinho de pau, ora é a lança, ora é a espada, ora é aquilo que a fantasia infantil quiser.

E a brincadeira tem como finalidade desenvolver uma aprendizagem que possibilite à criança perceber-se como um ser integrado ao um grupo social.

A escola de Educação Infantil, como um universo social diferente da família, favorece a construção de novas interações, ampliando, o conhecimento da criança.

E o ato de brincar independente da intenção e objetivo esperado pelo adulto, é inerente à criança, e ela faz ao seu bel prazer. Trazendo, dessa forma, sua marca seja qual for o meio, em que esteja inserido e qualquer planejamento estabelecido pela professora a criança brinca.

3.2. O FAZER PEDAGÓGICO E SUAS AÇÕES

O fazer pedagógico e a formação contínua do professor nortearam as ações pedagógicas para a possível construção inicial do planejamento significativo, Oliveira (2012) ressaltou a importância de ter clareza sobre os direitos das crianças, uma concepção de infância, bem como de Educação Infantil, o que constitui um ponto de partida para a construção de um trabalho pedagógico consistente a partir do planejamento inicial do professor.

Dessa forma, a prática educativa necessita estar pautada em processo de estudo e reflexão e embasada em teóricos educacionais, que possibilitem à professora exercer a investigação em seu ambiente pedagógico. É através da investigação sobre as ações pedagógicas que as professoras encontram problemas que podem ser resolvidos com um planejamento significativo.

Como relata Ausubel (1982) planejamento significativo é "O fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece". Entre outras palavras é levar para currículo infantil a prática do dia-a-dia, pois, o momento da merenda na escola pode ser rico em aprendizagem além de contemplar práticas lúdicas.

Para tanto, baseando-se em estudos de Zabala (1998) e em nossa própria prática é possível afirmar que as ações pedagógicas devem ser norteadas por planejamento, uma aplicação das ações planejadas e uma avaliação do que foi aplicado. Avaliando as ações é preciso buscar novas estratégias que possam

melhorar as práticas pedagógicas a partir do planejamento diário das atividades docentes.

Nesse sentido, o professor investigador tem de ser um professor reflexivo como revela Pimenta (1994) “não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção do conhecimento”. Partindo desse pressuposto é dever do professor reflexivo ter um olhar sobre a sua ação e sobre a ação em que está envolvido, reconhecendo então a sua própria prática.

Este desenvolve a prática com base na investigação-ação em uma determinada escola ou sala de aula. Deste modo, a prática é sujeita a um processo constante de construção e reconstrução que conduz à transformação para investigação futura.

Segundo Zabala (1998) “a melhoria de nossa atividade profissional, como todas as demais, passa pela análise do que fazemos de nossa prática e do contraste de outras práticas” (p.13). Considerando a fala desse autor é possível compreender a importância da troca de experiência entre profissionais da educação para ressignificar a prática.

A formação dos professores deve constituir-se em um processo de desenvolvimento pessoal e profissional. De fato, é imprescindível considerar os procedimentos pelos quais eles se apropriam do conhecimento, as suas características pessoais e o seu conhecimento experiencial e profissional. Como afirma Freire “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. (FREIRE, 2000, p.43)

Desta forma, a reflexão sobre a prática educativa deve abrir novas possibilidades que conduzirão a uma melhoria na prática docente e conseqüentemente na qualidade de ensino e aprendizagem, possibilitando desenvolver a educação na perspectiva de uma real aplicação do cotidiano social da criança trazendo sempre significado a vida prática social.

Os estudos de Lev Vygotsky (1896-1934) postulam uma dialética das interações com o outro e com o meio, como desencadeador do desenvolvimento sócio-cognitivo. Para este autor e seus colaboradores, o desenvolvimento é impulsionado pela linguagem. Eles acreditam que a estrutura dos estágios descrita por Piaget seja correta, porém diferem na concepção de sua dinâmica evolutiva. Enquanto Piaget defende que a estruturação do organismo precede o desenvolvimento, para Vygotsky é o próprio processo de aprender que gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores.

Essas concepções, nas interações têm um papel crucial e determinante. Para definir o conhecimento real, Vygotsky sugere que se avalie o que o sujeito é capaz de fazer sozinho, e o potencial aquilo que ele consegue fazer com ajuda de outro sujeito. Assim, determina-se a ZDP (Zona de Desenvolvimento Próximo) e o nível de riqueza e diversidade das interações determinará o potencial atingido. Quanto mais ricas as interações, maior e mais sofisticado será o desenvolvimento.

No campo da educação a interação, que é um dos conceitos fundamentais da teoria de Vygotsky, encaixa-se na concepção de escola que se pretende efetivar no sistema brasileiro de ensino. E neste caso, o professor e o aluno passam a ter um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma é possível desenvolver tanto os conceitos de ZDP quanto a relação existente entre pensamento, linguagem e intervenção no âmbito da escola, possibilitando assim um maior nível de aprendizagem.

E Wallon (2007) define desenvolvimento é o processo pelo qual o indivíduo emerge de um estado de completa imersão social em que não se distingue do meio para um estado em que pode distinguir seus próprios motivos dos motivos oriundos do ambiente. Deste modo, desenvolver-se em oposição ao mundo exterior.

O desenvolvimento ocorreria, para Wallon, por uma sucessão de estágios, à maneira da teoria de Piaget, mas através de um processo assistemático e contínuo, em que a criança oscila entre a afetividade e a inteligência. “O desenvolvimento é movido por conflitos, dialeticamente, de maneira análoga à combinação de acomodação, assimilação e equilíbrio na teoria piagetiana” (SCHNEIDER, 2016).

Entretanto, ao contrário de Piaget, Wallon acreditava que o processo não é tão bem delimitado, mas constante, podendo haver, inclusive, regressão: as aquisições de um estágio são irreversíveis, mas o indivíduo pode retornar a atividades anteriores ao estágio. Um estágio não suprime os comportamentos anteriores, mas sim os integra, resultando em um comportamento que é a acumulação das partes.

Por isso, o PPP (Projeto Político Pedagógico) deve defender a ideia das interações sociais e deve ter como inspiração em sua construção a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e os três volumes do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que vieram para dar uma orientação mais qualificada ao atendimento de crianças dessa faixa etária do ponto de vista pedagógico, em virtude, de permitir a construção da identidade institucional com suas concepções e sonhos.

As principais contribuições do RCNEI para a Educação Infantil é a abordagem da natureza e o papel socioeducativo, cultural, político e ambiental da Escola, bem como sua organização e gestão curricular para subsidiar o Regimento escolar e Proposta Pedagógica, como documentos que são os balizadores das ações educativas.

É de uma educação que considera que a criança é o centro do planejamento curricular como sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura e trazendo a compreensão da importância do brincar, cuidar e educar como está exposto no artigo 4º das DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil).

Entretanto, é importante entender que a preocupação com a criança encontra-se presente desde no século XIX, tanto no Brasil como em outros países do mundo, expressa em textos de educadores, juristas, médicos, políticos, cronistas, jornalistas e, especialmente, retratada nas artes e na literatura.

O século XX considerado é o século da descoberta, valorização, defesa e proteção da criança. Formulam-se os seus direitos básicos, reconhecendo-se, com eles, que a criança é um ser humano especial, com características específicas, e que tem direitos próprios.

A Sociologia da Infância é um movimento surgido na Europa a partir da década de 1980 e busca compreender o mundo da perspectiva da criança.

Propõe a distinção analítica: As crianças como atores sociais nos seus mundos de vida e a infância como categoria social do campo geracional. Significa dizer que a infância, enquanto categoria social, a criança está em sociedade e em relação com diversas gerações. Com outras crianças, jovens, idosos de diferentes gerações. Portanto, encontra-se no olhar dos diversos grupos humanos, em diferentes momentos históricos a concepção de criança.

Em 1990, os sociólogos da infância reuniram-se pela primeira vez no Congresso Mundial de Sociologia para debater sobre os vários aspectos que envolvem o processo de socialização da criança integração na sociedade contemporânea. (Quinteiro, 2007)

Iniciou-se, como disse Sarmiento (2000), “um olhar caleidoscópico sobre a Sociologia, no sentido de identificar a presença da infância no desenvolvimento do

pensamento sociológico e descortinar as razões da sua gritante ausência nas correntes clássicas da Sociologia”.

O longo levantamento realizado na busca de compreender a evolução do objeto e construir um outro olhar sobre a infância mediante produção bibliográfica e cultural existente permitiu, por um lado, constatar o crescente interesse por estudos sobre a infância. (Quinteiro, 2007)

Vivermos hoje, e entendemos que as condições culturais contemporâneas produzem infâncias distintas do que se convencionou chamar infância moderna – ingênua, dócil, dependente dos adultos (MOMO, 2010) – e modificam as formas das crianças viverem e habitarem o mundo. Vivenciamos um estado da cultura – com implicações da mídia e do consumo – que diferentemente daquele da modernidade tem produzido sujeitos distintos dos sujeitos modernos.

Entendemos que a infância é uma construção cultural, social e histórica, sujeita a mudanças. A criança tem sido objeto de variados discursos, com distintos propósitos, que atribuem significados aos modos de ser e viver (MOMO, 2010):

Cada vez que Pedro tentava desenhar uma linha reta... Ela saía toda torta. Quando todos à sua volta olhavam para cima... Pedro olhava para baixo. Se ele achava que ia fazer um dia lindo e ensolarado... Chovia, splish, splish, splush. Um dia, de manhã bem cedo, quando estava andando de costas contra o vento, Pedro deu um encontrão em Tina. Tina fazia tudo certinho. Ela nunca amarrava errado os cordões de seus sapatos nem virava o pão com manteiga para baixo. Ela sempre se lembrava do guarda-chuva e sabia muito bem escrever seu nome. Pedro ficava encantado com tudo que Tina fazia. Então, Tina mostrou-lhe a diferença entre direito e esquerdo, entre a frente as costas, e que o céu era em cima e o chão embaixo. Um dia, eles resolveram construir uma casa na árvore. Tina fez um desenho para que a casa ficasse bem firme em cima da árvore. Pedro juntou uma porção de coisas para enfeitar a casa. Eles acharam muito engraçado. Bem no fundo, Tina gostaria que tudo que ela fizesse não fosse tão perfeito. Então Pedro lhe arranhou um casaco e um chapéu que não combinavam. Depois, ensinou Tina a andar de costas e a dar cambalhotas. Eles rolaram morro abaixo...e juntos aprenderam a voar. Pedro e Tina são amigos inseparáveis.... Até debaixo d'água, e para sempre. (KING, 1999, p. 28)

Refiro-me ao livro da literatura infanto-juvenil, do autor Stephen Michael King Pedro e Tina, uma amizade muito especial. A amizade de duas crianças e as descobertas de suas diferenças são abordados de maneira profunda e delicada. Os personagens revelam singularidade em suas vivências e, sobretudo um modo único de agir e interagir em seus contextos.

O final da história aponta para um caminho desconhecido para ambos: conhecer o novo e o diferente pode fazer do nosso mundo muito mais interessante. É, precisamos nos reinventar...

Como Pedro e Tina, o desenvolvimento humano é visto como realização coletiva e não individual. Na interação contínua a criança desenvolve todo um repertório e passa a participar e reelaborar o mundo simbólico do adulto. Segundo Vygotsky (1991), a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso a informações.

As crianças são competentes para produzir mudanças no cenário social, político e cultural, portanto possuem muitas vozes, múltiplas expressões, diferentes formas de ser, sentir e agir.

Protagonistas na construção das relações sociais, do ato cognitivo, aprendizado e reflexão. Capaz de descobrir significados das relações, e perceber os poderes de seus pensamentos por meio da síntese de todas e infinitas linguagens: expressivas, comunicativas e cognitivas.

Para Loris Malaguzzi (2012), mentor teórico e idealizador da pedagogia desenvolvida nos centros municipais para a primeira infância de Reggio Emilia, *A criança é feita de cem... A criança tem cem linguagens.*

A criança compreende o mundo em que vivem e atua nele, tomam decisões e assumem responsabilidades. Capazes de construir significados e resignificá-los para situações que fazem parte da realidade e do seu contexto. Segundo, Carla Rinaldi, *Uma criança que é competente para construir a si mesma enquanto constrói o mundo e é, por sua vez, construída por ele. Competente para elaborar teorias que interpretam a realidade e para formular hipóteses e metáforas como possibilidade de entendimento da realidade (RINALDI,2012. p. 233)*

A produção cultural infantil é recriada com seu poder de imaginação e experiência criativa. As crianças se constituem em sua história, contexto, e em cada cultura nos seus processos criadores (brincadeiras, jogos, interpretar, na relação, na atividade imaginadora e o mundo real).

A infância é um componente da cultura e da sociedade, seus membros constituem-se sujeitos históricos, produtos e atores dos processos sociais, portanto a infância é uma construção histórico-social. Categoria analítica que nos ajuda a pensar a criança, e nos apresenta reflexões e desafios.

A construção do conceito de infância só pode ser compreendido a partir do olhar que se constrói sobre esse sujeito, o discurso que cada grupo tem, em cada contexto histórico, a respeito da criança. O contexto cultural torna-se essencial para entender o lugar da criança e “deve ser tomado como sendo esse sistema simbólico” (COHN, 2005, p 20). Segundo, Clarice Conh, “a infância é um modo particular, e não universal, de pensar a criança”

Para Rinaldi, “A imagem da criança é, acima de tudo, uma convenção cultural (e, portanto, social e política) que torna possível reconhecer nelas (ou não) certas qualidades e potencias, e interpretar expectativas e contextos que dão valor a qualidade e potenciais ou, ao contrário os negam. Aquilo que pensamos sobre as crianças se torna, então, um fator determinante na definição de sua identidade ética e social, e de seus direitos e dos contextos educacionais que lhes são oferecidos”. (RINALDI, 2014, p.156)

É necessário compreender a infância enquanto uma categoria analítica no espaço da educação infantil, com vistas para apresentar algumas reflexões e também desafios para escola em sua forma de organizar o tempo e espaço das vivências, a partir de uma infância próxima ao conhecimento, a criação, a invenção com um tempo generoso para a presença do lúdico.

A imaginação e a curiosidade infantil, o pensar, o agir, os diálogos, da expressão das linguagens e saberes das crianças que fazem parte do patrimônio cultural e precisam ser tomados como referencial na construção dos currículos para a educação infantil.

O que move essa caminhada é a Pedagogia da Relação e da Escuta, como metáfora para abertura e sensibilidade de ouvir e ser ouvido, e por trás da escuta existe um desejo, dúvida, um interesse. Por meio da qual interpretamos significados. Escutar a criança ocupa centralidade no trabalho pedagógico. (RINALDI. 2009)

Partindo do pressuposto de que a criança conhece o mundo como um pesquisador, curioso, atento e que nesse processo é produtor de teorias interpretativas, práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras.

Estamos diante de uma educação baseada nos relacionamentos, nos encontros entre as crianças, professores e pais.

A imagem que se constrói aqui é de uma criança potente, capaz de construir estratégias de aprendizagem, que constrói conhecimento: *Sujeito* histórico e de

direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010)

Tal imagem conduzirá a outro modo de organizar a proposta pedagógica. Atrelado à concepção de proposta pedagógica que possibilite acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância.

As professoras se constituem como peças-chaves na composição do processo, pois são as que possuem o “fio” que constrói e constitui o entrelaçamento. Para a autora Carla Rinaldi (2012), todas as decisões pedagógicas estão atreladas à interpretação do educador sobre a criança que deseja o que faz, o que ela consegue produzir, suas possibilidades, suas teorias. Por isso, a ação mais importante nessa abordagem é a escuta, é o olhar cuidadoso sobre a criança.

A educação infantil tem por função alargar esse espaço da experiência, que é a criação. O pensamento como invenção, da arte, das linguagens. Sob a perspectiva filosófica do pensamento da infância, que tudo começa no sujeito, em nós mesmos, é possível extrair a qualquer tempo a nossa “crianceira”, como nos fala ao coração, Manuel de Barros:

Manoel por Manoel Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro de vizinho pra catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago de minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS:2003, s.p)

A criança é vista como um ser que precisa de atenção e carinho que tem iniciativas, saberes, interesses e necessidades. Considerando em sua proposta curricular a criança: nos contextos histórico, social e cultural. Como é exposto em Macedo (2012), os atos são produções e devemos nos atentar para não confundir-los com a ação física, simplesmente. Nesse sentido,

(...)um ato expressa e produz etnométodos, na medida em que contextualizado, situado, assinado, eivado de sentidos e constituindo-os, institui realidades de forma metódica” (MACEDO, 2012, p.146).

Assim os atos de currículo, se configuram enquanto as práticas sistemáticas que vão constituindo o currículo. Eles, os atos de currículo, são os modos como nós, professoras, organizamos conteúdos, espaços, tempos e práticas.

Contudo, é recorrente depararmo-nos com exigências vindas de membros da comunidade escolar (pais). Por exemplo, no que concerne às datas comemorativas, há determinadas práticas que estão arraigadas de tal forma no imaginário social, tais como: pintar o rosto das crianças de coelhinho da pascoa ou fazer o cocar no dia do índio, que são consideradas como marcas da educação infantil.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA

O desenvolvimento de um trabalho monográfico ou de qualquer pesquisa acadêmica deve conter em sua essência uma abordagem metodológica palpável para que o trabalho trilhe um caminho que entrelace o campo teórico já referendado como o chão ou que chamamos aqui de cenário e os sujeitos da pesquisa, assim com a obtenção dos resultados e das categorias.

4.1 A PESQUISA NA EDUCAÇÃO

A pesquisa se alimenta de dúvidas, de hipóteses, alternativas, explicações e de superação constante de paradigmas e a educação alimenta-se de aprender a aprender, é o que ressalta Demo (1997), ao escrever a importância da pesquisa na educação e, principalmente, na formação dos profissionais de educação, parte da ideia de que o professor precisa ter uma identidade marcada pelo ato de pesquisar.

Nesse sentido, o papel do professor no ato de educar pela pesquisa necessita estar sempre escrevendo, com o objetivo de garantir que não seja um mero copador, além de promover em seus estudos uma motivação para a capacidade cívica de interferir e saber criticar dentro do contexto social em que convive.

Diante disto, a pesquisa na educação é fundamental para identificar e estudar problemas de níveis sociais e escolares, com o objetivo de tentar promover melhorias no sistema de ensino e, principalmente, de aprendizagem.

Nesse processo, o desenvolvimento de uma etnopesquisa, é necessário para compreensão dos saberes e da reflexão que permeiam os profissionais em sua prática pedagógica, na tentativa de discutir e interpretar, bem como construir e compreender o seu fazer docente. Estas ideias são reafirmadas diante da seguinte afirmação: “o etnopesquisador crítico dos meios educacionais, o outro é condições irremediável para a construção de conhecimentos nos âmbitos das práticas educativas”. (MACEDO, 2004, p. 58)

A pesquisa social em si é a interrogação enorme em torno da cientificidade das ciências sociais de descobrir as mais variadas questões. Sendo a primeira em possibilitar concretamente de tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes. (MINAYO, 2007).

Esta pesquisa tem como inspiração a etnografia e a etnopesquisa crítica e etnopesquisa-formação se articulando com a formação do professor-pesquisador, pois segundo Macedo (2010) a etnopesquisa crítica nasce da inspiração e da tradição etnográfica, sua base investigativa incontornável, mas se diferencia quando exercita uma hermenêutica de natureza sociofenomenológica e crítica, produzindo conhecimento indexado, um conceito caro à teorização etnometodológica, sua inspiração teórica fundante.

Dessa forma, o quadro teórico serviu de apoio, uma espécie de esqueleto em que à medida que o estudo avançou encontramos novos aspectos que serviram para acrescentar a pesquisa.

No caso da educação de crianças e a formação das professoras e a coordenadora pedagógica em questão, tomando como referência o recorte do brincar, ao eleger como prática pedagógica fundante na Educação Infantil, com um olhar mais reflexivo e construtivo para a importância em planejamentos pedagógicos com a valorização do tempo para o brincar e promovendo nessa pesquisa o despertar na equipe docente em questão do ser brincante e brincalhona, dentro delas.

Diante disto, esta pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa com inspiração etnográfica, que se dedica a analisar de que forma a brincadeira tem sido (ou não) inserida/contemplada no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil da EMEIEM (Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria) no município de Fátima/Bahia.

4.2 O CENÁRIO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O estabelecimento escolar escolhido para a pesquisa foi a instituição no qual coordenei durante o ano de 2015 da rede pública de ensino, que atende crianças tanto da classe média como também crianças carentes pois está é a única instituição da rede municipal pública da área urbana que atende crianças na faixa etária de 5 anos. A escola pesquisada está localizada no município de Fátima-Bahia.

Município que resido e estou vinculada no seu sistema de ensino municipal atualmente exercendo a função de Diretora em uma outra instituição de Educação Infantil da mesma rede de ensino do município de Fátima-BA, localizada na microrregião de Ribeira do Pombal, e na Região administrativa de Cipó; limita-se com

os municípios de Cícero Dantas (Oeste), Heliópolis (Sudoeste), Antas (Norte), Adustina (Noroeste) e Poço Verde – Sergipe (Sudoeste).

Sua área é de 396 km², possui 07 (sete) povoados, denominados de Caruaru, Capim Duro, Bomfim, Tabua, Serra Velha, Belém de Fátima, Bananeira e algumas localidades denominadas Fazendas. A sede do município distancia-se da capital do estado, em 332 km. Sua população é estimada para o ano de 2014 é de 18.502 habitantes tendo como principal atividade econômica o cultivo de feijão e do milho. (PME-FÁTIMA/BAHIA, 2015)

O município de Fátima/Bahia tem o seu IDH de 0,559, segundo o censo de 2010, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) podendo-se afirmar que é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros fatores, sendo também uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população, especialmente o bem-estar infantil. (PME-FÁTIMA/BAHIA, 2015)

A escola pesquisada se diferencia da maioria das escolas de educação de crianças, pois, seu PPP (Projeto Político Pedagógico) estar em vias de construção e a proposta pedagógica de ensino vem se configurando nas concepções de Vygotsky, Piaget e Wallon. Buscando em sua essência atender a realidade do aluno como também respeitar as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil) se caracterizando, assim, como sócio-interacionista. Atende crianças de famílias de baixa renda e tanto a estrutura como os recursos didáticos são precários ou em sua maioria, inexistentes.

A escola fica localizada na praça São Francisco de Assis, onde está cercada por jardim e ao lado o palco da igreja e do salão paróquial. Dessa forma, temos uma assistência de espaço pela paróquia que sempre disponibiliza seu espaço para as atividades pedagógicas (festa de encerramentos de projetos pedagógicos, interações e brincadeiras, contações de história, reuniões de pais, dentre outras), além do espaço externo como o palco e o jardim, embora, esse espaço externo para ser usado depende das condições climáticas.

Nessa perspectiva, fica aqui constatado a não adequação do espaço escolar para o funcionamento da educação infantil. Pois, segundo os Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para as instituições de educação Infantil:

A programação e os estudos de viabilidade procuram caracterizar o futuro edifício, estabelecendo o perfil da creche ou da pré-escola a ser construída, a filosofia pedagógica adotada, o programa de necessidades (ambientes

pedagógicos, funções, fluxos, pré-dimensionamento, mobiliário específico, instalações e equipamentos básicos, informações legais sobre o terreno, levantamento planialtimétrico, conhecido popularmente como levantamento topográfico, etc.) e as especificações educacionais (normas que condicionam a utilização dos espaços em termos de iluminação, ventilação, higiene, etc.). Nesta etapa é muito importante a participação da comunidade e dos usuários específicos (crianças, familiares, professores, profissionais, administradores). (BRASIL, 2006 ANO, p.16)

O interesse de desenvolver o estudo nessa escola surgiu da experiência de aluna, docente e coordenadora dessa instituição, em períodos diferentes do meu percurso formativo com está descrito no primeiro capítulo dessa pesquisa, através do meu memorial formativo. Nesse percurso, foi possível lembrar e analisar uma forte tendência em “Tempo de brincar” que inspirou o surgimento da pesquisa.

Partindo desse pensamento, Demo (1997) ressalta que é o papel do professor pesquisador ter seu próprio espaço de sala de aula como um ambiente de pesquisa. Para isso, ele não precisa ser um profissional de pesquisa, mas precisa ser definido pela pesquisa, pois a sua prática e a realidade dos seus alunos dentro desta vivência cotidiana estabelece nesse profissional/ professor caráter investigativo para desenvolver o questionamento reconstrutivo, para uma educação pela pesquisa onde o seu objetivo é a educação dos seus alunos. Embora, esse reconstruir conhecimento necessite de cuidado para não ser banalizado.

Nessa perspectiva, as inquietações em torno da temática pesquisada são bastante preocupante para a formação social das crianças em contexto e a formação dos professores em exercício, pois a existência das concepções enraizadas em torno do brincar é perceptível.

E, em virtude, de se tratar de uma equipe de professoras que trabalham com infância, toda essa preocupação, que o trabalho sugere, em torno do brincar, estabelece uma constatação: a concepção de brincar, submetida à lógica de práticas pedagógicas existentes, em vias de construção, o estudo trabalha com as professoras em exercício como o próprio curso sugere, uma pesquisa fruto da minha experiência profissional.

E mesmo com os avanços na compreensão do que realmente deve ser vivenciado nas escolas de Educação Infantil, as professoras da EMEIEM/Fátima-Bahia, ainda têm marcas profundas em sua prática pedagógica, pois mesmo entendendo que a pré-escola não deve antecipar os conteúdos do ensino fundamental, sente a necessidade de antecipar, assim, como também deixa

transparecer em suas concepções pedagógicas, as tradições das datas comemorativas como uma marca das práticas educativas existentes.

Para tanto, essa pesquisa tem um caráter auto-formativo na visão da coordenação pedagógica e no decorrer da formação continuada da coordenadora dessa equipe docente investigada, que busca se colocar como construtora, nessa teia de saber das práticas docentes, vem superando e avançando no desconstruir e construir nas concepções da prática pedagógica existente, no propósito de ressignificar e significar essas práticas enraizadas no imaginário social das educadoras em questão.

Esta pesquisa é fruto do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, que tem por formatação atender professores e gestores em exercício da rede pública baiana, com o objetivo de promover uma formação continuada para melhorar e as práticas pedagógicas existentes, ao mesmo tempo em que, remete a repensar as práticas e as concepções de infâncias e crianças, e como retorno almeja uma qualidade na Educação Infantil das escolas públicas municipais e comunitárias, e nesse caso específico no município de Fátima-Bahia.

4.3 O CAMINHO PERCORRIDO E A OBTENÇÃO DOS RESULTADOS E DAS CATEGORIAS

O trabalho em questão emergiu de uma abordagem metodológica inspirada na etnopesquisa como referencial em seu método, pois, é a condição para atingir os níveis de rigor necessário na condução de um estudo qualitativo.

Para tanto, com relatado no primeiro capítulo que traz o meu memorial formativo, entende-se que a pesquisa é marcada pelo processo da imersão do próprio pesquisador no contexto pesquisado. Desse modo, o recorte necessário para a investigação foi: a observação das aulas e o acompanhamento dos planejamentos pedagógicos, com registros no meu diário de campo que segundo Macedo (2004) é a descrição minuciosa e intimista, portanto densa de existencialidade, que algumas pesquisas despojadas das amarras objetivistas constroem ao longo da elaboração de um estudo, além das fotografias realizadas no decorrer da observação.

Com efeito, o tratamento dos dados consistiu em i analisar os diários de campo destacando, na transcrição, falas pertinentes das professoras e das crianças,

cruzando com os planejamentos pedagógicos. Relacionando, assim, à questão norteadora da pesquisa: Como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da E. I. na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia?

No estudo emergiram duas categorias sendo elas: **o planejamento pedagógico: a brincadeira como dispositivo de aprendizagem e a preocupação em pré escolarizar na educação infantil: e o lugar do brincar nesse contexto.**

Com base nessas categorias organizamos os levantamentos de algumas questões que nortearam a problemática estudada. São elas:

- a) Como é o planejamento e desenvolvimento das aulas no que tange ao brincar?
- b) Como as crianças reagem ou/se comportam diante das atividades propostas pela professora, e qual é o lugar do brincar?

Perante, os questionamentos abordados anteriormente o lócus da pesquisa está ligada à rede pública municipal de ensino no município de Fátima-Bahia. Ela foi selecionada por ser a única escola na área urbana desse município que atendem às crianças matriculadas no Pré III (crianças na faixa etária entre 5 a 6 anos) da Educação Infantil, levando em consideração o corte etário da Lei de nº 11.274, que institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental I.

São sujeitos da pesquisa as professoras e crianças matriculadas no Pré III (crianças entre 5 e 6 anos), assim intitulado pela escola que voluntariamente aceitou participar dessa pesquisa. Com essa metodologia ficou mais fácil produzir os dados e apresentá-los a partir da sua análise.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE DADOS

A organização da apresentação e discussão de dados serão analisadas e expostas nos dois tópicos que se seguem:

O planejamento pedagógico: a brincadeira como dispositivo de aprendizagem, poderoso na experiência educacional da criança, em todos os aspectos físicos, e nas habilidades do letramento e na matemática como instrumentos de aprendizagem, além de proporcionar o prazer discutindo com o planejamento e o desenvolvimento das aulas no que tange ao brincar.

E o segundo no que tange a preocupação em pré escolarizar na educação infantil: e o lugar do brincar nesse contexto, irão apresentar as concepções pedagógicas enraizadas e cristalizadas por parte das docentes em questão ao considera necessário e fundante, a antecipação escolarizante, que se orientam, equivocadamente, por práticas do Ensino Fundamental e colocam a brincadeira em segundo plano. Não contemplam o brincar criando, assim, uma caixa de diálogo em relação ao comportamento e as reações diante as atividades propostas pelas professoras, ao mesmo tempo em que discute o lugar do brincar na pré-escola.

5.1 O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO: A BRINCADEIRA COMO DISPOSITIVO DE APRENDIZAGEM

A ação pedagógica é marcada por uma organização pré estabelecida pelo docente e por qualquer profissional na área de docência é inconcebível, entrar na sala de aula sem antes ter trilhado “o que fazer hoje”, ou ao menos construir um mapa, um roteiro daquele dia, em como receber as criança o que será trabalhado na aula entre outras coisas.

Partindo dessa ideia:

Há quem pense que tudo está planejado nos livros-texto ou nos materiais adotados como apoio ao professor. Há, ainda, quem pense que sua experiência como professor seja suficiente para ministrar aulas com eficiência. (MORETTO, 2007, p. 100).

Nessa perspectiva, o ato de coordenar é criar condições para que o professor possa planejar, com coerência. Dessa forma, é uma das funções do coordenador pedagógico articular o planejamento e orientar o seu grupo docente dando-lhe suporte pedagógico para desenvolver planejamento adequado no objetivo de atender as demandas de cada turma, com suas particularidades.

Assim, na rotina do EMEIEM/Fátima-Bahia, existe um tempo organizado para o planejamento pedagógico, no objetivo que permita o encontro entre a equipe docente para planejar elaborar seus planos diários sob a orientação da coordenadora pedagógica.

Assim, ao observar, ler e analisar as vivências das práticas pedagógicas executadas pelas docentes do EMEIEM, e a dificuldade encontrada pela coordenadora em estabelecer uma compreensão no sentido de infância e criança tendo como suporte os autores citados aqui no capítulo teórico.

Começa a tecer, diante da, relação teórica e prática com a categoria que emergiu a partir da problemática pesquisada: Como é o planejamento e desenvolvimento das aulas no que tange ao brincar?

Ao observar as aulas e acompanhar os planejamentos pedagógicos, foi possível perceber que, em muitas falas emergidas pelas professoras e pelas crianças como este momento em que as professora organiza as crianças para irem embora e aproveita para fazer alguns questionamentos: “- *Quem gostou da aula? Quem vem amanhã?*” *Eles gritam que sim e ela pergunta novamente: “- O que vocês mais gostaram?” Um diz: “- De brincar”. E a professora questiona: “- Só brincar?” E a outra criança diz: “- De fazer atividade”.*

Observo, no entanto, a necessidade de dialogar a questão na concepção que professora constata, no entanto, o entendimento na relação entre atividade e brincadeira são dois elementos separados na educação infantil, e transmite de certa forma para crianças que na escola não só brinca tem atividade, e acaba levando crianças a entender quanto o brincar não é importante na escola.

Apesar que embasamentos teóricos, como nos relata Anning (2006) o sistema de Valores pelos profissionais da educação enfatiza uma crença no valor do brincar como um veículo de aprendizagem poderoso, na importância da aprendizagem experiencial, na educação da – Criança inteira – dentro dos contextos familiar e escolar, na importância dos aspectos físicos, no papel vital do letramento e da habilidade aritmética como instrumentos de aprendizagem e na importância do divertimento e do prazer como fontes de motivação.

Nessa perspectiva, dialogando as observações com o pensamento de Anning percebeo, o quanto é precária a formação dessas professoras ao compreender a importância e a significância de planejamento pedagógico, que tenha a brincadeira como dispositivo de aprendizagem poderoso na experiência educacional da criança, além de levá-las a acreditar que o brincar, quando bem planejado, é uma ação que facilitará o desenvolvimento da criança por inteiro, e aquele velho conteúdo que é considerado importante sendo de fato apreendido pelas crianças.

Por ser coordenadora pedagógica dessas professoras em questão e não ser esse único dia que acompanho e observo as práticas das mesmas, compreende-se a insegurança de planejar e aplicar vivências que tenham o brincar como principal dispositivo de aprendizagem, pois elas consideram que a pré-escola tem a obrigação de ensinar as letras. Assim acabam focando no desenhar das letras e na codificação, deixando de lado as habilidades das crianças de 5 anos que experimentam, convivem, brincam, participam, exploram e comunicam, através das vivências lúdicas, avançando em seus níveis de aprendizagem.

É necessário focar na formação continuada dessas educadoras que, aos poucos, começam a acreditar que é possível aprender com as brincadeiras e, que as letras e os números estão imersos nesse brincar planejado. No entanto, é de fundamental importância que as docentes acreditem e entendam que o brincar precede a qualquer conteúdo, que o ato de brincar tem sua valorização para não cair na desvalorização do próprio ato, e cuidado habilidoso para não se tornar um mero conteúdo.

Como Rubens Alves traduz em poesia: “Brincar não é para levar a lugar nenhum, por que quem brinca... já chegou!” esse belo verso, leva nós a refletir enquanto educadores de crianças que a essência do brincar é mais forte no ser humano no período da infância.

Sobre esse aspecto, devemos entender e defender que o brincar na escola, mais precisamente como, o estudo sugere, que é a inserção da brincadeira nos planejamentos pedagógicos não caia na padronização que devemos ensinar a criança a brincar. Por que assim, poderemos precipitar-se na didática desse brincar para a mera vertente de utilizar enquanto instrumento para objetivos conteudistas. Pois brincar segundo Alves não leva a lugar algum, pois, quem brincar já chegou.

Como está dito na legislação brasileira reconhecendo o direito de brincar explícito, tanto na CFB (1988), no artigo 227, assim como também no ECA (1990), artigos 4º e 16º e em outros direitos do ECA guardam direta relação com o brincar, dentre os quais o direito ao lazer (art. 4º), direito à liberdade e à participação (art. 16), peculiar condição de pessoa em desenvolvimento (art.17).

Nessa perspectiva, a importância do brincar já foi reconhecida, também, em diversos documentos legais internacionais e nacionais, assim destaco a Convenção dos Direitos da Criança – CDC, no Art. 31º em seu texto destaco um trecho que explicita:

Por várias razões, o trabalho tem sido valorizado em detrimento do ócio e do brincar, sendo ainda considerado por alguns grupos de pessoas como pura “perda de tempo”. Brincar é a maneira pela qual as crianças estruturam o seu tempo, ou seja, a sua vida. Portanto, estamos falando de direitos humanos e brincar é, antes de tudo, um direito da criança! (BRASIL, 2013, p.8)

Do mesmo lado, no Brasil existem várias organizações que defendem o direito de brincar, entre elas a IPA-Brasil ¹ que compõe a Rede Nacional Primeira Infância. Partindo dessa concepção e da reflexão acerca do que defendem os diversos teóricos aqui citados no capítulo 2, e que são teóricos norteadores dos estudos aprofundados com a equipe de docentes da EMEIEM, embora as verificações nas observações das práticas das professoras ainda deixem transparecer uma valorização nas antecipações dos conteúdos do ensino fundamental, existe também uma cobrança por parte da comunidade, especialmente dos pais, que não entendem como deve proceder a proposta curricular na educação infantil.

Diante disto temos o documento DCNEI que sustenta nossos argumentos e traz a credibilidade do nosso trabalho e exprime no Art. 11:

Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2013, p.100)

¹ A IPA-Brasil é uma organização da sociedade civil, de caráter público, filiada à IPA Internacional (**International Play Association**), e é membro da Rede Nacional Primeira Infância – RNPI. A organização realiza diversos projetos tais como o Agentes do Brincar, que promove a capacitação de pessoas que atuam nos diferentes espaços em que for possível desenvolver atividades lúdicas.

Diante do exposto, considero que muitas práticas que estão enraizadas nas professoras em questão se devem à falta de estudo e conhecimento e muitas das vezes em como fazer. Assim, existe uma prática permanente nas classes das crianças de cinco anos que é copiar da lousa a atividade de casa, e entre algumas das observações realizadas desse momento, destaco essa: a professora, mesmo nesse momento de atividade de copiar pelo quadro, ela brinca com as crianças: Elas estão formulando probleminhas e usando os nomes das crianças, ao mesmo tempo em que copiam. Percebe que as crianças adoram ouvir seus nomes e os nomes dos coleguinhas se divertiram bastante com a dinâmica da professora.

No entanto, é notável que existiu um cuidado na hora de planejar essa atividade assim como também na maneira de aplicar, as crianças brincam com seu nomes se divertem, porém estão copiando pelo quadro marca de práticas do Ensino Fundamental. Pois a preocupação da professora é que ano que vem ele chegue no primeiro ano sabendo desenhar as letras através da lousa.

Outro momento observado a seguinte situação: dramatiza a história (Bruxa, Bruxa Venha a minha festa/Arden Druce-Brinque Book), após a contação de história a professora entrega uma ilustração da história para as crianças colorirem.

No processo de exploração da atividade a professora diz: –Vamos ligeiro terminar se não, não vai dar tempo, e hoje teremos o baile da bruxinha. Mas uma vez a professora supervaloriza o ato do registro que, nesse caso, é apenas colorir uma atividade xerocopiada da história trabalhada e fica para segundo plano a questão da vivência do baile, que é uma proposta da literatura em questão.

Porém, já no final do horário faltando poucos minutos para concluir aula começa a brincadeira do baile. Nesse momento, as crianças se divertiram bastante no baile da bruxinha, brincaram livremente e nem lembram de ir embora, com som ligado pularam, brincaram de roda, fizeram mesmo a festa.

Nessa perspectiva, essa fala da professora emerge a questão da minha pesquisa trazendo qual a concepção da professora em torno do brincar, pois, segundo essa fala “– Ligeiro se não teremos tempo de brincar” - demonstra que ela não considera a atividade que está sendo realizada como um recurso educacional que tenha a sua raiz brincante, pois, para as crianças atividade realizada de colorir a história trabalhada que posteriormente iriam brincar de baile também pode ser vista

pelo olhar da professora como um instrumento de brincar conduzindo na sua própria metodologia.

Pois, segundo Wajskop (1999) é de fundamental importância na perspectiva do trabalho pré-escolar, ter em vista a criança como sujeito histórico e social. Se a brincadeira é, efetivamente, uma necessidade de organização infantil ao mesmo tempo em que é o espaço da interação das crianças, quando estas podem estar pensando/imaginando/vivendo suas relações familiares, as relações de trabalho, a língua, a fala, o corpo, a escrita, para citar brincadeira se transforma em fator educativo se, no processo pedagógico, for utilizado pela criança para sua organização e seu trabalho.

Dessa forma, a autora fundamenta com sua fala como a professora poderia melhorar esse momento de atividade, com espaço imaginativo para as crianças, por exemplo, utilizar artes para decorar o baile e construir sua própria brincadeira.

A partir da fala da professora e das crianças no período das observações do trabalho de campo. Essa primeira categoria o planejamento pedagógico: a brincadeira como dispositivo de aprendizagem responde assim à problemática pesquisa: Como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia?

Para tanto, é notável que existem diversos métodos de inserir o brincar no planejamento pedagógico, desde o brincar organizado pela educadora, como um tempo e espaço para um brincar espontâneo das crianças, no qual esse brincar espontâneo leva ao educador conhecer melhor seus alunos e também poder participar da brincadeira como um ser brincante, convidado ou não, pela criança ou um grupo de crianças.

Como comunga Machado (2011) as crianças brincam por brincar. Seu interesse vem de uma motivação interna de curiosidade, divertimento e experimentação, podendo as crianças se sujeitarem às regras externas, mas jamais vão brincar sem desejo e, se não for pelo desejo, então, não será brincadeira.

Portanto, essa pesquisa tem uma grande preocupação em levar ao conhecimento das professoras de Educação Infantil, que ao inserir a brincadeira nos seus planejamentos pedagógicos deve ter cuidado ao entender o conceito de brincar, como é relatado por Machado “se o brincar não for por desejo não é brincadeira”..

Diante dessa explanação, a brincadeira é um instrumento poderoso para o planejamento pedagógico nas classes de Educação Infantil, quando se entende real significado de criança e a infância como bem descrito no capítulo 2 deste trabalho.

5.2 A PREOCUPAÇÃO EM PRÉ ESCOLARIZAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: E O LUGAR DO BRINCAR NESSE CONTEXTO.

A proposta curricular da educação infantil Nacional tem o ultimo documento DCNEI, que serve como um embasamento para as instituições que trabalha com essa modalidade de ensino básico construa suas próprias, propostas curriculares. Nela está descrito:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p. 97)

Nesse contexto, e através de pesquisas, traçamos no nosso currículo e elaboramos os planos anuais de cada turma buscando, inicialmente, observar cada turma usando como instrumento de avaliação o relatório. A partir desse diagnóstico inicial e com base PPP (Projeto Político Pedagógico), traçamos os planos e metas para cada turma, assim, o plano anual é nossa principal referência para construção dos planos diários.

Pois, por mais bem elaborado que seja o planejamento, o professor deve ter consciência que todo planejamento é flexível, que existe avaliação que dá suporte para o surgimento de alguns imprevistos.

Além de entender que a criança deve ter o seu lugar de direito dentro dessa construção, pois ela deve ser protagonista e sujeito da sua própria ação como é exemplificado no capítulo teórico deste trabalho monográfico. “Planejamento é o processo de reflexão, de tomada de decisão. Plano é o produto, que como tal pode ser explicitado em forma de registro, de documento ou não.” (Vasconcellos, 1995, p. 43)

Assim o professor tem o planejamento como autonomia do fazer pedagógico e deve considerar esse registro como instrumento de grande valia. A perspectiva do brincar deve ter um lugar prestigiado no planejamento do professor da educação infantil. Pois, se o mesmo entende a importância do seu planejamento como suporte essencial na administração de suas aulas e a brincadeira tem seu lugar garantido.

Diante disto, ao observar mais um dia de aula que se iniciou conforme a planejamento, com o DVD com desenhos animados diversos (Mickey Disney), quando a professora pede para desligar a TV e fazer a atividade, as crianças falam não, pois, estão gostando de ver o vídeo e elas dizem “- Depois assistimos de novo”. Uma outra criança corre para apagar o quadro e as demais sentam e pegam o caderno. As crianças ainda demonstram dependência para a realização da atividade.

Nesse momento a atividade proposta é copiar do quadro, essa atividade será respondida em casa e essa rotina é permanente no pré III (crianças de 5 anos). Nessa atividade observo a necessidade que a professora tem em alfabetizar a criança, pois as exigências são: Letras cursivas, texto visível, paragrafação, entre outras. O Objetivo da professora é que as mães consigam compreender o que a criança copiou para trazer no outro dia para escola respondido. Essa atividade não ocorre com sucesso, são poucas crianças que trazem as atividades devidamente respondidas e, na maioria das vezes, não acontece o acompanhamento dos pais.

A professora aplica a atividade da seguinte maneira: Ela escreve devagar, letra por letra, e vai observando, mesa por mesa, conferindo.

Nesse dia foi interessante notar que uma criança (A1) brincava com um potinho de letras móveis de plástico colorido. Ele separava as letras em montantes por cores. Essa criança não possui diagnóstico algum como criança especial, porém, apresenta um comportamento sem limite e foi relatado pela mãe que era uma criança especial e que na outra escola onde estudava tinha uma cuidadora, mas ela nunca entregou, por não possuir, um documento que possa especificar sua necessidade educativa. Dessa forma, o trabalho sempre foi voltado a incluir essa criança na classe, além de desenvolver um trabalho com a família, apesar do envio dos relatórios, juntamente com o CRAS da cidade, mas não obtivemos resposta.

Entretanto, o trabalho pedagógico com a criança teve excelentes avanços e o que foi observado é que as crianças conseguem aprender e se entregar com o grupo escolar de forma efetiva.

Nessa atividade, observada por exemplo a criança (A1) entra no seu mundo de brincar e não participa da atividade proposta pela professora, no entanto, a professora falou que ele participa sim da atividade e nesse dia ele não participou pois não trouxe o caderno.

Em outras oportunidades já observei a atividade realizada por ela e a criança, nesse processo em que a professora aplica a atividade. A cada letra que a professora coloca no quadro ele atribui uma bolinha, demonstrando entender como ocorre aquele processo de escrita, entretanto, por ainda não estar na fase de alfabetização, ainda está na fase pré-silábica o que é perfeitamente comum nas classes de educação infantil.

Em um determinado momento a professora convida a criança (A1) para guardar as letrinhas e participar da atividade, mas ele não aceita.

Assim, essa criança (A1) demonstra que a atividade de copiar pelo quadro na maneira como está sendo aplicada não atende toda a turma. Deste modo, percebe-se que a professora não valoriza esse brincar da criança, deixando-a esquecida pelo grupo, dessa forma, percebo como é importante para essa docente a pré escolarização e a preocupação em alfabetizar as crianças, ainda na educação infantil.

Com efeito, na observação dessa aula de escrita ainda pelo quadro uma criança (A2) fala: “– Pró já estou terminando para ir brincar de vídeo game” e a professora questiona: “– Mas não tem vídeo game aqui” e ele responde: “– Em minha casa eu vou jogar, com vídeo game do meu primo”.

Nessa perspectiva, observo que se atividade fosse uma vivência, por exemplo, da brincadeira amarelinha, já que o conteúdo da aula é os números na ordem crescente e decrescente (Será que essa criança estaria pensando que quando chegar em casa ela vai brincar?).

Essa situação descrita no parágrafo anterior responde à segunda categoria da pesquisa que é a preocupação em pré escolarizar na educação infantil: e o lugar do brincar nesse contexto, nos apresentando assim, como as crianças reagem ou/se comportam diante das atividades propostas pela professora, e qual é o lugar do brincar?

Entretanto, como sou coordenadora dessa professora se fosse em planos de aulas corriqueiras estaria propondo e mostrando outras alternativas para desenvolver a atividade, mas como no momento pertinente minha postura é de pesquisadora não interferi em nada, apenas observei a prática educativa da docente.

Ao terminar a atividade de copiar pelo quadro as crianças merendam, pois é hora do lanche e ao terminar volta para o DVD. E a professora se dirige a mim e diz: “– A televisão é boa porque não tem espaço para eles correrem então assistem”.

Nesta perspectiva, essa fala da professora remete que ela se preocupa com a integridade física das crianças deixando transparecer que a televisão é o único recurso que a escola oferece para seu trabalho, juntamente com as crianças, nesse contexto.

Nessa perspectiva, fica aqui constatado a não adequação do espaço escolar para o funcionamento da educação infantil. Pois, segundo os Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para as instituições de educação Infantil:

Diante disto, se faz necessário analisar o PPP (Projeto Político Pedagógico) da EMEIEM/Fátima-Bahia que em sua base de fundamentação teórica está inspirada nos teóricos Piaget, Vygotsky e Wallon que, consonantemente, consideram o desenvolvimento humano como resultante de uma dupla história, que envolve as condições do sujeito e as sucessivas situações com as quais ele se envolve e às quais responde num sistema específico de trocas com o meio.

Assim é notável entender o quanto as condições das nossas escola de Educação Infantil influenciam direta ou indiretamente no desenvolvimento de algumas atividades.

Contudo, fica evidenciado que o trabalho com essa equipe de docentes necessita de formação contínua que se refere ao lugar do brincar nos planejamentos pedagógicos, como também os grandes desafios enfrentados para desenvolver, planejamentos aqui considerados adequados para essa faixa etária da criança.

6 CONCLUSÃO

A estrutura dessa pesquisa se configura na formação em exercício desde a formulação do problema e como emergiu a questão da pesquisa, toca inteiramente no íntimo de se autoconhecer e saber auto se avaliar.

Partindo dessa análise da minha própria prática pedagógica com o meu grupo de docentes em questão, comecei a trilhar e observar desde a seleção para a aprovação nesse curso de pós-graduação como minhas professoras entendem o planejamento pedagógico no que se refere no tocante ao lugar da brincadeira dentro dele. A maioria dos questionamentos das docentes era em relatar que não tinham tempo para brincar.

Essa afirmação unânime entre elas me despertou a entender como em uma classe de educação infantil não existe tempo para brincar, pois entendo que atividade e brincadeira na educação infantil querem dizer a mesma coisa.

Como relato na abordagem metodológica, a pesquisa se deu em um determinado momento em que a coordenadora pedagógica em formação e ao mesmo tempo que conduz esta pesquisa determinou um espaço de tempo, para se ater ao campo, escolhendo uma das turmas que coordenava.

Nessa perspectiva, a classe escolhida foi uma turma de crianças entre 5 e 6 anos com, aproximadamente, 18 crianças e 3 professoras. Entendendo que o universo do EMEIEM (Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria) é composto por 6 turmas, no qual 4 turmas com essa idade entre 5 e 6 anos e duas turmas de 3 a 4 anos e um grupo de 14 docentes nessa instituição.

Para tanto, todo o trabalho revela como é necessário a existência de uma formação permanente, pois a formação inicial não dá conta de entender quais concepções de infância, de crianças e quanto a brincadeira é o eixo norteador do currículo da Educação Infantil.

E nas observações em sala de aula foi possível perceber que as crianças, mesmo sem espaço, com pobreza de material e sem tempo de terminado no planejamento diário do professor, ainda assim, as crianças não foram impedidas de criarem situações de brincadeira.

Com efeito, as categorias levantadas na pesquisa tanto dialogaram com os teóricos, como também com as minhas memórias de formação. Assim, entendo que as contribuições trabalhadas com as professoras no qual coordenei nesse ano de 2015, não obtiveram o sucesso que esperava. Porém esse trabalho monográfico me fez refletir e me ajudou a desenvolver minha identidade profissional, a ter paciência e respeitar as práticas das minhas professoras, pois só estabelecendo um bom relacionamento com minhas companheiras de trabalho, a confiança e as mudanças corriam em sua prática.

Diante disto, as dificuldades encontradas na pesquisa foram poucas, as conversas com as professoras pesquisadas e a minha presença em suas aulas foram essenciais para conhecer melhor cada uma, estabelecer uma relação próxima com as crianças e colher esse material riquíssimo que norteou o diálogo na apresentação e discussão dos dados.

A pesquisa mostrou o quanto é forte essa preocupação em antecipar os conteúdos do ensino fundamental e o quanto é preocupante esse brincar só quando e se sobrar tempo.

Assim, percebo que lentamente com mais estudo e formação, poderemos trazer o brincar para o entendimento dos docentes como um instrumento necessário e eficaz para a construção dos planejamentos pedagógicos. Bem como, entendo que esse planejar é flexível e que o brincar é um direito fundamental da infância para que o brincar não seja meramente didático, como discutido em todo relato desse trabalho monográfico.

Para tanto, esta pesquisa é fruto do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, que tem por formatação atender professores e gestores em exercício da rede pública baiana, com o objetivo de promover uma formação continuada para melhorar e as práticas pedagógicas existentes, ao mesmo tempo em que remete a repensar as práticas e as concepções de infâncias e crianças. Como retorno possibilita, quem sabe, uma melhoria na qualidade do trabalho pedagógico realizado na educação infantil das escolas públicas municipais e comunitárias, e nesse caso específico, no município de Fátima-Bahia.

Para tanto, esperamos que essa pesquisa contribua de forma significativa na construção da minha identidade profissional e na formação docente das professoras de educação infantil com as quais atuo.

Como exposto no capítulo 1 (Memorial Formativo) este trabalho é fruto da minha primeira pós-graduação e desejo também continuar estudando e me aperfeiçoando na área para futuramente cursar um mestrado, e posteriormente um doutorado, com o objetivo de contribuir com uma educação de qualidade para as crianças, bem como, escrever e publicar trabalhos como este que destaca as minhas experiências exitosas para contribuir com a formação de professores na área de Educação Infantil.

7. REFERÊNCIAS

ANNING, Angela. Moyles. “O brincar e o currículo oficial. De volta ao básico: uma visão alternativa.” In Moyles, Jante R. [et al]; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

ANTUNES, Celso. **O jogo e a Educação infantil:** falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. Fascículo 15. 6. ed. – RJ: Vozes, 2008.

ARDWN, Druce. Aut. e Ilus. Gilda de Aquino trad. **Bruxa, Bruxa Venha a minha festa.** São Paulo: Brinque-Book. 1995.

ARIÈS Philippe. “A descoberta da infância.” **História Social da Criança e da Família.** 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

BARRETO, A. M. R. F. Pelo direito à educação infantil: Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil. In **Revista Criança**, Brasília, n. 46, p.24-26, dez. 2008.

BAHIA. Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC. **Proposta Pedagógica da Educação Infantil.** Fátima, 2007.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 de jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº12.796 de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 Completa, Interativa e Atualizada.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, de 4 de abril de 2013.

BRASIL. **Lei nº11.274 de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 Completa, Interativa e Atualizada.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, de 6 de fevereiro de 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em 26 de maio de 2016.

BRASIL. **Artigo 31 da Convenção de Direitos da Criança: Desenvolvimento Infantil e o Direito de Brincar:** Disponível em: <http://brinquedoteca.net.br/wp-content/uploads/2013/04/DireitodaCrianca.pdf> Acessado em 26 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Vol. 1.** Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Vol. 2.** Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Vol. 3.** Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacional de Qualidade para a Educação Infantil – Vol. 1.** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacional de Qualidade para a Educação Infantil – Vol. 2.** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacional de Qualidade para a Educação Infantil – Vol. 3.** Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.** Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras nas Creches:** manual de orientação pedagógica, Brasília: MEC/ SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Dúvidas mais frequentes sobre Educação Infantil.** Brasília, de janeiro de 2013.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 5/2009.** Diário Oficial da União, Brasília, 09 de dezembro de 2009, seção 1, p. 18.

BRASIL. **Resolução CD/FNDE nº006/2007.** Diário Oficial da União, Brasília, 24 de abril de 2007, seção 1, p.2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica/Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2013.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e cultura:** revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisele Wajskop. – 3 ed. – São Paulo, Cortez, 2000. (Coleção questões da Nossa Época; v. 43)

_____, Gilles. **A criança e a cultura lúdica.** Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acessado em 26 de maio de 2016.

_____, Gilles. **Brinquedo e companhia.** Tradução de Maria Alice A. Sampaio Dório; revisão técnica de Gisela Wajskop. – São Paulo: Cortez, 2004.

CAMPO, Maria Malta. Porque é importante ouvir crianças? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silva Helena Vieira (org.) **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008, p.35-42.

CAROLYN, Edwards. **As Cem linguagens da criança:** a Abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação da pedagogia:** realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez, 2013.

COELHO, Bete. **Contar Histórias:** uma arte sem idade. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Zahar 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KING, Stephen Michael. **Pedro e Tina, uma amizade muito especial.** Tradução Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1999,

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____, Tizuko Morchida. **Jogos Tradicionais Infantis: o jogo, a criança e a educação.** RJ: Vozes, 1993

KLEIMAN, Angela (2002) Oficina de leitura: teoria e prática. 10º. Ed., Campinas: Pontes, 1992.

LUCKESI, C. C. **Brincar: o que é brincar?** 2005a. Disponível em: . Acesso em: 09/ maio. /2016.

_____. **Brincar II: brincar e seriedade.** 2005b. Disponível em: . Acesso em: 09 maio. 2016.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2004.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Liber Livro Editora, 2º edição, 2010. 179p.

MACHADO, José Ricardo Martins. **Jogos Lúdicos: Brincar como nossos pais brincavam.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1995.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. **Brincar: prazer e aprendizado.** 5ª Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, S. **Do fascínio do jogo a alegria do aprender nas séries iniciais.** São Paulo: Papyrus, 2001.

MOMO, Mariângela. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT07-5886--Int.pdf>. Acessado em: 25 de maio de 2016

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento das competências.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

NOGARO, Arnaldo Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_382.pdf. Acessado em: 25 de maio de 2016.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é brinquedo**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____ (Org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PIAGET, Jean. A teoria de Jean Piaget. In: CAMICHAEL, Leonard. **Manual de psicologia da Criança**. São Paulo: E. P.U./ Edusp, 1977. V.4.

_____, Jean. **O juízo moral na criança**. (tradução: Elzon Lenardon). São Paulo. Summus, 1994.

_____, Jean. **A psicologia da criança**. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

PRIORE, Mary (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

QUINTEIRO, Jucirema; .CARVALHO, Diana C (Org.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. 1. ed. Araraquara - SP: Junqueira e Marin Editores, 2007. v. 1.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender – A experiência das escolas de Reggio Emilia**. São Paulo: ed. paz e Terra, 2012.

SANTOS. Marlene Oliveira dos e Maria Izabel Souza Ribeiro (Org.). **Educação Infantil: os desafios estão postos e o que estamos fazendo?** - Salvador: Sooffset, 2014.

SARMENTO, Manuel. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCHNEIDER, Cíntia. Disponível em: www.sogab.com.br/teoriasdeaprendizagem.doc: . Acessado em: 25 de maio de 2016

SILVA, Aparecida Francisco da; KODAMA, Helia Matiko Yano. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/jogos/Marcos_Aurelio_Cabral.pdf
Acesso em: 10/maio/2016.

VASCONCELLOS, dos S. **Planejamento**: Plano de Ensino Aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAJSKOP, Gisele. **Brincar na escola**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 48 v, 1999.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Com introdução de Émile Jalley; tradução Claudia Berliner; revisão técnica Izabel Galvão. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: Como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A



**UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA
CEDEI - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL
PROJETO DE PESQUISA:
A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA INSERÇÃO
NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convido a Sra. _____ para participar da pesquisa sobre A Brincadeira nas Classes de Educação Infantil e sua Inserção nos Planejamentos Pedagógicas, sob responsabilidade da pesquisadora Josefa Romania Santana de Sousa, Pedagoga, Pós-Graduada do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Trata-se de pesquisa de campo para os estudos para pós-graduação em nível de especialização, sob orientação da profa. Ms. Fernanda Almeida Pereira. Nesta, a pesquisadora pretende analisar, para melhor compreender, como a brincadeira pode ser inserida no planejamento pedagógico de professoras da E. I. na Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria em Fátima/Bahia, a fim de analisar de que forma a brincadeira tem sido (ou não) inserida/contemplada no planejamento pedagógico das professoras de Educação Infantil da EMEIEM (Escola Municipal de Educação Infantil Emília Maria/Fátima-Bahia) no município de Fátima/Bahia.

Considerando que a pesquisadora é coordenadora pedagógica da instituição terá cuidados em observar no tempo determinando pela pesquisa afim de detalhar as aulas observadas no diário de campo, os **Riscos** serão amenizados e adotaremos, a qualquer tempo, providências e cautelas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano às participantes da pesquisa. Assim, evitaremos qualquer constrangimento para as participantes.

A **participação é voluntária** e, portanto, não há previsão de pagamento pela sua contribuição.

Quanto à **Confidencialidade**, as informações coletadas no estudo serão mantidas de forma confidencial. Os dados produzidos serão utilizados apenas para fins científicos e sua identidade não será revelada sob qualquer circunstância.

Os **Benefícios** associados à sua participação neste estudo é a grande valia das informações pertinentes à realização da pesquisa de campo de Josefa Romania Santana de Sousa, além, obviamente da possibilidade de fazer avançar a produção de conhecimentos sobre a Brincadeira nas Classes de Educação Infantil e sua Inserção nos Planejamentos Pedagógicas para as docentes de Educação Infantil do município de Fátima-Bahia e demais profissionais da área da Educação Infantil.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada, no que tange a dinheiro, benefícios, vantagens pessoais e tenho o direito assegurado de deixar a pesquisa em qualquer tempo. Este documento é emitido em duas vias de igual teor e serão assinadas por mim e pela pesquisadora, permanecendo uma via com cada uma de nós.

Salvador, Bahia, _____ de _____ de 2016.

Assinatura da participante

Josefa Romania Santana de Sousa
Pesquisadora Responsável
Contato: romana.ped@gmail.com

APÊNDICE B



**UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA
CEDEI - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL
PROJETO DE PESQUISA:
A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA INSERÇÃO
NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Pontos para ser observados no campo

- Coerência entre o planejamento de aula e o desenvolvimento da aula no que tange ao brincar.
- Como as crianças reagem ou/se comporta diante das atividades propostas pela professora.
- Como as professoras lidam ou encaminham as brincadeiras/aprendizagem.

APÊNDICE C



**UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA
CEDEI - CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL
PROJETO DE PESQUISA:
A BRINCADEIRA NAS CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA INSERÇÃO
NOS PLANEJAMENTOS PEDAGÓGICOS**

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS

Eu _____, responsável pelo aluno(a) _____, do Pré _____, autorizo que fotos e filmagens que incluam meu/minha filho (a) sejam feitas e utilizadas.

- A) pela equipe da escola para fins pedagógicos;
- B) para fins de divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais internos e/ou semelhantes).
- C) para fins de publicação no blog da escola.
- D) para fins de divulgação no facebook.com
<https://www.facebook.com/pages/Em%C3%ADlia-Maria/849437998436290?ref=hl>

Estou ciente de que as imagens serão usadas apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Assinatura do responsável

Fátima-Ba, _____ de _____ de 2016

APÊNDICE D



(ATIVIDADE DE COPIAR PELA LOUSA)



(AS CRIANÇAS COPIANDO)



(ATIVIDADES COMPLEMENTARES)



(FORMAÇÕES COM O FOCO NO BRINCAR)